

PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE SÃO PAULO
PUC – SP

Orison Marden Bandeira de Melo Júnior

**Paralelo entre *O Mulato* de Aluísio de Azevedo e *The House Behind the Cedars*
de Charles Chesnutt: Preconceitos e Contradições**

PROGRAMA DE ESTUDOS PÓS-GRADUADOS EM
LITERATURA E CRÍTICA LITERÁRIA

SÃO PAULO
2007

Orison Marden Bandeira de Melo Júnior

Dissertação apresentada à Banca Examinadora da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, como exigência parcial para a obtenção do título de Mestre em Literatura e Crítica Literária, sob orientação da Profa. Dra. Beatriz Berrini.

SÃO PAULO

2007

Banca Examinadora

À minha mãe, sempre!

AGRADECIMENTOS

À minha orientadora, Dra. Beatriz Berrini, por seu conhecimento, competência, sabedoria, paciência e prontidão; por todas as contribuições e orientações em relação à minha pesquisa e, acima de tudo, pela honra que me deu de ser seu orientando

À Profa. Dra. Maria Aparecida Junqueira, por ter, tão graciosamente, a despeito de todas as suas atribuições, aceitado o convite de participar da Banca de Qualificação e Defesa, e por todas as suas preciosas contribuições na minha pesquisa

Ao Prof. Dr. Paulo José Benício, meu primeiro professor de inglês, por todas as palavras de encorajamento e de confiança; por ter aceitado, tão prontamente, o meu convite de participar das Bancas de Qualificação e Defesa, e por todas as suas contribuições na minha dissertação

A todos os professores das disciplinas que cursei, por sua contribuição, direta ou indiretamente, para a realização deste trabalho

À Ana Albertina, por sua paciência e amizade; por todas as palavras de apoio e incentivo

À minha mãe, Cleide, e minhas irmãs, Jane, Iara e Márcia, que, mesmo longe, me mantiveram em seu pensamento e suas orações

A Carlos Carneiro, por seu apoio em todos os momentos desta caminhada

À Rosemary, Adriana e Gisele, amigas e colegas de mestrado, por todo o apoio e companheirismo

A todos os parentes e amigos que torceram pelo meu sucesso

“Eu tenho um sonho de que meus quatro filhinhos, um dia, viverão numa nação onde não serão julgados pela cor de sua pele e sim pelo conteúdo do seu caráter.”

Martin Luther King Jr.

RESUMO

A presente pesquisa retrata a proposta de um estudo comparativista entre *O Mulato*, de Aluísio Azevedo e *The House Behind the Cedars*, de Charles Chesnutt, objetivando verificar algum indício de preconceito racial na voz do narrador dos romances. Diante disso, procurei, em primeiro lugar, analisar algumas teorias científicas que defendiam a inferioridade da raça negra e a sua representação na literatura através de vários estereótipos encontrados não só nas obras que se constituem o corpus deste trabalho, mas também em romances que os antecederam. Ademais, visitei alguns conceitos da literatura comparada que nortearam não só comparação entre esses dois romances de fronteira, como também a utilização de noções da ciência, da história e da religião. Verifiquei, assim, que as duas obras eram análogas em vários aspectos; entre eles, cito: (1) cidades pequenas e preconceituosas; (2) eventos históricos que determinavam o tempo cronológico das tramas; (3) narrador onisciente, em terceira pessoa e intruso; (4) narração com indícios de preconceito do narrador; (5) heróis afro-descendentes com características físicas e culturais de heróis brancos; (6) fim do herói pela morte e (7) relacionamento inter-racial como o elemento instigador do preconceito racial representado nos romances. Entre as características individuais de cada obra, apontei (1) o ângulo de visão de cada romance, já que o mundo representado em *O Mulato* é o mundo dos brancos, enquanto o de *The House Behind the Cedars* é o dos negros, e (2) a consciência da ascendência negra, ausente no protagonista da obra brasileira, mas sempre presente na obra americana. Finalmente, procurei responder à pergunta de pesquisa, concluindo acreditar haver contradição na voz do narrador, que, apesar de narrar uma trama cuja função ideológica era combater o racismo, corrobora, na sua narrativa, as teorias científicas racistas, através da descrição estereotipada de personagens secundárias e da descrição dos heróis afro-descendentes com características físicas e culturais de heróis brancos.

Palavras-chave: Aluísio Azevedo, *O Mulato*, Charles Chesnutt, *The House Behind the Cedars*, Narrador, Racismo

ABSTRACT

The present research proposes a comparative study between *O Mulato*, by Aluísio Azevedo and *The House Behind the Cedars*, by Charles Chesnutt, aiming at verifying some evidence of race prejudice in the voice of the novels' narrators. Due to that, I first tried to analyze some scientific theories which have defended the inferiority of the black race and their portrayal through various stereotypes found not only in the novels which constitute the *corpus* of this study, but also in some prior to them. Furthermore, I examined some concepts from Comparative Literature which guided not only the comparison between the two frontier novels but also the use of notions from Science, History and Religion. Thus, I verified that both narratives were analogous in various aspects, among which I mention: (1) small and prejudiced cities; (2) the chronological time of the plots determined by historical events; (3) third-person omniscient and intrusive narrators; (5) afro-descendent heroes portrayed with physical and cultural characteristics of white heroes; (6) the end of the heroes by death, and (7) interracial relationship as the intriguing element of racial discrimination portrayed in the novels. Among the individual characteristics of each book, I pointed out (1) the angle of vision in the narratives, since the world depicted in *O Mulato* is the world of white people whereas the world in *The House Behind the Cedars* is the world of black people, and (2) the consciousness of black ancestry, which is not found in the main character of the Brazilian novel and is always present in the main character of the American novel. Finally, I tried to answer the research question by concluding that I believe that there is a contradiction in the voice of the narrator, who, although telling a plot whose ideological function is to fight against race prejudice, corroborates the racist scientific theories by describing secondary characters in the narratives stereotypically and afro-descendent heroes with physical and cultural characteristics of white heroes.

Keywords: Aluísio Azevedo, *O Mulato*, Charles Chesnutt, *The House Behind the Cedars*, Racism, Contradiction

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 1: O Conflito Familiar em <i>O Mulato</i>	36
Figura 2: Árvore Genealógica de Chesnutt.....	45
Figura 3: Jim Crow.....	51
Figura 4: O Terror do KKK.....	56

LISTA DE QUADROS

Quadro 1: Comparação dos Estereótipos de Escravos em Obras Anteriores a' <i>O Mulato</i>	36
Quadro 2: Palavras do Narrador que Ratificam os Estereótipos de Escravos em <i>O Mulato</i>	41
Quadro 3: Palavras do Narrador que Ratificam os Estereótipos de Escravos em <i>The House Behind the Cedars</i>	69
Quadro 4: Resumo dos Traços Comuns Inerentes às Obras.....	83
Quadro 5: Resumo das Características Individuais de Cada Obra.....	88

SUMÁRIO

Introdução.....	12
Capítulo 1. A Voz do Narrador d’<i>O Mulato</i> de Aluísio Azevedo e o Racismo.....	17
1.1. Conhecendo o Conceito de Realismo na Literatura Naturalista.....	17
1.2. As Teorias Racistas no Romance Oitocentista Brasileiro.....	22
1.3. As Teorias Racistas em <i>O Mulato</i> de Aluísio Azevedo.....	36
1.4. Algumas Considerações.....	42
Capítulo 2. A Voz do Narrador de <i>The House Behind the Cedars</i> de Charles Chesnutt e a Linha de Cor.....	44
2.1. Conhecendo Charles Waddell Chesnutt e <i>The House Behind the Cedars</i>	44
2.2. A Linha de Cor em <i>Uncle’s Tom Cabin (A Cabana do Pai Tomás)</i> de Harriet Stowe.....	48
2.3. A Linha de Cor em <i>The House Behind the Cedars</i> de Charles Chesnutt.....	62
2.4. Algumas Considerações.....	69
Capítulo 3. Vozes em Paralelo entre os Dois Romances	71
3.1. Conhecendo Alguns Conceitos da Literatura Comparada.....	71
3.2. Traços Comuns Inerentes às Obras.....	75
3.3. Características Individuais de Cada Obra.....	84
3.4. Algumas Considerações.....	88
Conclusão.....	90

Referências Bibliográficas..... 94

1. Obras que Constituem o Corpus da Dissertação..... 94
2. Outros Romances Analisados..... 94
3. Obras de Teoria da Literatura e de Literatura Comparada..... 94
4. Outras Obras Consultadas..... 96

INTRODUÇÃO

Pretendo, com este trabalho de investigação, retomar o tema do preconceito racial, já retratado em diferentes obras por autores brasileiros e americanos na segunda metade do século XIX. Entre elas, destaco *O Mulato* de Aluísio Tancredo Gonçalves de Azevedo, publicado em 1881, e *The House Behind the Cedars* de Charles Waddell Chesnutt, publicado em 1900. Ambos romances são o corpus deste trabalho. Esta pesquisa objetiva, portanto, o estudo comparatista entre essas duas obras.

Segundo Tânia Carvalhal, as literaturas de fronteira podem ser vistas como “conjuntos supranacionais de unidades históricas análogas” (2003, p. 157). É importante a menção de que, para a teórica da Literatura Comparada, o conceito de fronteira é uma “convenção estruturante, que pode ser mais de natureza cultural do que realmente de natureza geográfica ou política” (CARVALHAL, 2003, p. 156). Diante desses conceitos, sinto-me à vontade ao comparar obras que, apesar de terem sido escritas em países diferentes, possuem uma unidade, a realidade histórica e social da escravidão. A autora ainda acrescenta que a “identificação em textos distanciados no tempo e no espaço de uma mesma temática (...)” ajuda “a construir a comunidade interliterária” (CARVALHAL, 2003, p. 168). É pensando, portanto, nessa comunidade interliterária que me proponho a traçar paralelos entre as obras aluisiana e chesnuttiana, já que ambos narradores intentam relatar uma trama que analisa o mesmo tema: a segregação racial.

O Mulato é o segundo romance aluisiano e o primeiro romance reconhecidamente naturalista brasileiro. Seu enredo trata da questão do relacionamento inter-racial entre um homem mestiço e uma mulher branca, que, mesmo diante do parentesco próximo, por serem primos, são privados do casamento devido à questão racial. Similarmente, *The House Behind the Cedars*, ainda não traduzido para a língua portuguesa, narra a história do amor entre uma mulher negra cuja tez embranquecida lhe permite passar por branca e um eminente jovem branco da Carolina do Sul. Apesar da iminência do casamento dos dois, o compromisso é quebrado quando o jovem descobre a ascendência africana da moça.

Aparentemente, portanto, tanto a trama d'*O Mulato* quanto a de *The House Behind the Cedars* possuem o teor denunciatório do racismo, comum a ambas as nações. Apesar de o Brasil e os Estados Unidos possuírem histórias diferentes, as duas obras trataram da instituição da escravidão dos africanos e da segregação racial subsequente e examinaram a questão da posição do negro em uma sociedade de hegemonia social branca. Diante disso, será necessário a investigação das teorias científicas referentes aos negros, surgidas na segunda metade do século XIX, que defendiam a inferioridade da raça negra, para proceder a análise da fala do narrador nos dois romances aqui comparados, visando verificar se o narrador corrobora a tese científica da inferioridade física e moral do negro tão em voga na sociedade branca dos dois países. Proponho-me, portanto, a responder à seguinte pergunta :

- Como uma narrativa, com um enredo denunciador do preconceito racial, pode apresentar a identidade segregacionista do próprio narrador?

A hipótese que orienta esta pesquisa, entretanto, é que o narrador, mesmo relatando uma trama que denuncia o racismo, deixa índices do seu próprio preconceito, através das palavras que usa para descrever, de forma estereotipada, o elemento negro presente na narrativa, aludindo, também, ao embranquecimento dos heróis de ambas as obras e ratificando, dessa forma, a teoria científica da inferioridade da raça negra.

Diante desse desafio, procurarei analisar, criticamente, as obras *O Mulato* de Aluísio Azevedo e *The House Behind the Cedars* de Charles Chesnutt, a fim de traçar paralelos que poderão ajudar a encontrar respostas para o problema levantado pela pesquisa. Como já mencionado, esses romances, apesar de pertencerem a cânones diferentes, têm em comum o tema da segregação racial em um período também coetâneo.

Julgo imperiosa a menção de que essa pesquisa será o resultado da inserção do meu olhar, em pleno século XXI, em romances que, embora escritos há mais de cem anos, permitiram a apresentação do meu horizonte mundivivencial para as obras (JAUSS, 1979). Não é, absolutamente, minha intenção determinar se os

autores das obras eram ou não racistas. O objetivo desta pesquisa não será apoiar a crítica biográfica ou sobrelevar o extraliterário, o social. Pelo contrário, proponho-me a buscar, no texto, o objeto deste trabalho de pesquisa, ou seja, as caracterizações preconceituosas presentes na fala do narrador. Faço, portanto, minhas as palavras de Antônio Cândido (2000), que afirma que

(...) o *externo* [grifo do autor] (no caso, o social) importa, não como causa, nem como significado, mas como elemento que desempenha certo papel na constituição da estrutura, tornando-se, portanto, *interno* [grifo do autor] (p. 6).

O primeiro capítulo compreenderá, portanto, da análise d'*O Mulato*, que, por ser uma obra reconhecidamente realista-naturalista, torna necessário a reflexão sobre alguns conceitos da teoria literária, concernentes ao Realismo-Naturalismo e sua referencialidade de acordo com Costa Lima (1974), Antonio Candido (2000), Wellek ([19-]) e Süsskind (1984). Além disso, serão visitadas algumas teorias científicas defensoras da inferioridade da raça negra, conforme Agassiz (2000) e Nott (2005), cujo reflexo estendeu-se até pensadores brasileiros como Sílvio Romero (1980), Joaquim Nabuco (1883) e Nina Rodrigues (1988). Ademais, utilizando a classificação feita por Brookshaw (1983) dos estereótipos do escravo negro que corroboram essas teorias científicas, a fim de verificar se havia ou não a presença dessas classificações preconceituosas em suas narrativas, serão analisados, por ordem cronológica, os seguintes romances: *Memórias de Um Sargento de Milícias*, de Manuel Antônio de Almeida, publicado em 1854, *As Vítimas Algozes – Quadros da Escravidão*, de Joaquim Manuel de Macedo, em 1869, o romance *O Tronco do Ipê*, de José de Alencar, de 1871, *A Escrava Isaura*, de Bernardo Guimarães, de 1875, e *Iaiá Garcia* de Machado de Assis, de 1878. Finalmente, com todos esses dados, buscarei encontrar, n'*O Mulato*, indícios de descrições preconceituosas de personagens negras, a fim de observar se o narrador foi conivente com todas as teorias científicas referentes à suposta inferioridade do negro e com os estereótipos encontrados em romances anteriores à obra de Aluísio Azevedo.

No segundo capítulo, por se tratar da obra *The House Behind the Cedars*, de Charles Chesnutt, consultada no seu original inglês, o seu autor e a sua trama serão apresentados de forma resumida. A fim de buscar indícios de preconceito racial na fala do narrador, tanto ao usar palavras preconceituosas para descrever personagens negras dentro da trama quanto ao representar uma heroína embranquecida, alguns fatos da história americana referentes à segregação racial precisarão ser evidenciados, objetivando verificar como as teorias científicas do racismo foram representadas nessa obra. Diante disso, será necessário investigar, no romance, a questão da linha de cor, ou seja, a linha que separa brancos e negros, tendo em vista que os romances de Chesnutt se tornaram conhecidos pelo fato de tratarem dessa linha de separação racial a partir do ângulo de visão do negro. Por essa razão, tornar-se-á imperioso investigar a segregação *de jure*, ou seja, a que era formalizada pela lei, visando à descoberta das conseqüências dessa discriminação na vida do afro-descendente americano e da sua representação na obra chesnuttiana. Por serem as leis da segregação, ou o *Jim Crowismo*, muitas vezes, apoiadas por religiosos americanos brancos que se utilizavam da religião para impor submissão passiva aos negros, haverá a necessidade de verificar a presença do estereótipo do escravo fiel em obras anteriores à chesnuttiana. Assim, investigarei a fala do narrador na obra de Harriet Beecher Stowe, *A Cabana do Pai Tomás*, publicada em 1852, que se tornou um marco na literatura estadunidense, antes de analisar a obra chesnuttiana.

No terceiro capítulo, serão traçados paralelos entre *O Mulato* e *The House Behind the Cedars*. Entretanto, a fim de fundamentar essa comparação, serão necessários alguns conceitos da Literatura Comparada, conforme Machado e Pageaux (1988), Brunel, Pichois e Rousseau (1990), Guyard (1994), Nitrini (2000), Guillén (2001), Buescu (2001), e Carvalhal (2003). Assim, procurarei similaridades entre as duas obras, observando os seguintes tópicos: (1) espaço no qual a trama é desenvolvida; (2) tempo dos enredos; (3) tipo de narrador; (4) indícios de preconceito racial na fala do narrador; (5) características dos heróis afro-descendentes; (6) fim dos heróis nas narrativas e (7) relacionamento inter-racial como o elemento instigador do preconceito racial. Buscarei, por fim, as principais diferenças entre as duas obras: (1) o ângulo de visão das narrativas e (2) a consciência da ascendência negra dos protagonistas.

Na conclusão, após mostrar o percurso traçado neste trabalho de pesquisa, serão feitas algumas reflexões pertinentes a cada capítulo, objetivando responder à pergunta de pesquisa, que norteará este estudo. Finalmente, expressarei o meu desejo de que esta pesquisa tenha contribuído para a fortuna crítica d'*O Mulato* e *The House Behind the Cedars*.

Capítulo 1. A Voz do Narrador d' *O Mulato* de Aluísio de Azevedo e o Racismo

Com o objetivo de analisar a fala do narrador do romance *O Mulato* de Aluísio Azevedo, romance reconhecidamente realista-naturalista, alguns conceitos de Realismo na literatura Naturalista brasileira serão visitados neste capítulo. Ademais, algumas teorias científicas que defendiam o racismo serão explicitadas, visando tanto à verificação de indícios de preconceito racial na narrativa de alguns romances oitocentistas, anteriores a *O Mulato*, quanto à averiguação da possível comprovação do narrador aluisiano dessas teorias raciais.

1.1. Conhecendo o Conceito de Realismo na Literatura Naturalista

Em 1888, Araripe Júnior publicou alguns artigos sobre *O Mulato* no jornal carioca *Novidades*, que só foram compilados em 1960. Após sete anos da publicação da obra aluisiana, Araripe afirma, no artigo *Aluísio Azevedo, O Romance no Brasil*, que *O Mulato* “saiu da forja cheio de grandes defeitos” (1960, p. 63). No entanto, em seu artigo *Tendências de Aluísio Azevedo. Época de Queirós, O Mulato, Casa de Pensão, O Coruja. Concreção. O Homem*, o crítico diz que “apesar dos hiatos que podem ser apontados” (ARARIPE JUNIOR, 1960, p. 78), *O Mulato* revelou-se logo como um romance predominantemente naturalista, embora apresente algumas características românticas. Quanto à representação do protagonista Raimundo, Araripe acredita que a utilização de um mulato rico, inteligente, formado, serviu como um modo de escandalizar a cidade de São Luís, a fim de “meter-lhe os seus vícios e os seus ridículos pelos olhos” (1960, p. 83).

Nas considerações acima, alguns conceitos da teoria literária se evidenciam, já que o crítico determina que o romance tem uma indiscutível tendência naturalista, declarando que a representação da personagem fictícia Raimundo serviu para trazer à tona o racismo da cidade real de São Luís do Maranhão, destacando, dessa forma, a sua função social e/ou ideológica. Refletindo, portanto, sobre as funções da literatura, Antônio Candido (2000) faz uma distinção digna de menção. Para o grande crítico brasileiro, a literatura pode ter uma função total, uma função social e uma função ideológica. A função total “exprime representações individuais e sociais que transcendem a situação imediata” (CANDIDO, 2000, p. 40), ou seja, ela

transmite uma visão intemporal e universal de mundo, “desligando-se dos fatores que a prendem a um momento determinado e a um determinado lugar” (CANDIDO, 2000, p. 41). A função social, por outro lado, refere-se ao papel que a obra desempenha “no estabelecimento de relações sociais, na satisfação de necessidades espirituais e materiais, na manutenção ou mudança de uma certa ordem na sociedade” (CANDIDO, 2000, p. 41) e é independente da vontade ou da consciência do autor e/ou do leitor. Finalmente, a função ideológica é expressa no momento em que autor e/ou o leitor “estabelecem certos desígnios conscientes, que passam a formar uma das camadas de significado da obra” (CANDIDO, 2000, p. 41), já que o autor quer atingir um determinado fim e o leitor almeja que certo aspecto da realidade lhe seja mostrado. Esse elemento social externo, para Candido, importa, na obra, não como causa ou significado, mas como “elemento que desempenha um certo papel na constituição da estrutura, tornado-se, portanto, *interno* [grifo do autor]” (2000, p. 6). Dessa forma, Candido declara que a literatura é uma transposição do real para o ficcional, feita por meio de uma estilização formal interna, “que propõe um tipo arbitrário de ordem para as coisas, os seres, os sentimentos” (2000, p. 47), correspondendo, assim, à necessidade de representação do mundo, “às vezes como preâmbulo a uma *praxis* socialmente condicionada” (CANDIDO, 2000, p. 49).

Ponderando, por conseguinte, nessa representação do mundo, Costa Lima declara que a matéria-prima real, ou seja, o elemento extra-verbal ou cultural é o elemento referencial “que serve de conteúdo para a significação veiculada por meio de um código qualquer” (1974, p. 37), sendo, no caso da literatura, o código verbal. Dessa forma, quanto mais preponderar, em uma obra literária, o traço referencial, ou seja, de realidade próxima, extra-verbal e cultural, mais ela se caracteriza por uma expressão realista. Costa Lima define, assim, que “realista é a obra em que, no trabalho sobre o código verbal, a função referencial (...) se mostra principal para a determinação do sentido do texto/narrativa” (1974, p. 45).

Diante dessas asserções sobre o Realismo em uma obra literária, é necessário, ainda, a reflexão a respeito do realismo como um grupo de características comuns a certas obras – *O Mulato* incluso – em um determinado período. Wellek afirma que o “realismo como conceito de período (...) significa a representação objetiva da realidade social contemporânea” ([19-], p. 220). Assim, o

realismo rejeita “o fantástico, o feérico, o alegórico e o simbólico, o altamente estilizado, o puramente abstrato e decorativo”, implicando, também, a “rejeição do improvável, do puro acaso e de acontecimentos extravagantes”, pois a “realidade é concebida (...) como o mundo ordenado da ciência do século XIX” (WELLEK, [19-], p. 211).

É imperioso notar que esse mundo ordenado da ciência era influenciado pelo “pensamento positivista, que tem Auguste Comte (1798 – 1857) como principal representante” (ARANHA e MARTINS, 1993, p. 116). Para Comte ([1943?], p. 63), “todos os bons espíritos repetem, depois de Bacon, que não há conhecimentos reais a não ser aqueles que repousam sobre fatos observados”¹. Para Comte, ainda, o homem encontra-se num círculo vicioso porque ele tem duas necessidades: a de observar para formar teorias reais e a, “não menos imperiosa, de criar algumas teorias para se entregar às observações seguidas” ([1943?], p. 63)². Observação e teoria são o binômio desse cientificismo positivista, que encontrou, no Brasil, solo fértil para seu desenvolvimento. Ivan Lins, em sua obra *História do Positivismo no Brasil*, afirma que, através dos adeptos e mesmo dos opositores, Comte teve “a atenção do público voltada para a sua pessoa e a sua obra” (1964, p. 453). Ele registra, por exemplo, que o próprio Aluísio Azevedo fez alusão ao Positivismo em alguns dos seus versos, versos que são encontrados na obra *Aluísio Azevedo, Uma Vida de Romance* de Raimundo de Menezes (1957). Os versos são datados de 27 de setembro de 1878. Eis alguns:

Viscondessa, perdão se essa missiva
Pesada como é na sua essência,
Importuna magoar Vossa Excelência
Como um bafo grosseiro à sensitiva.

Porém me cumpre declarar com urgência
Que, lendo a Philosophia Positiva,
Se bem que aquêlo assunto não me sirva,
Sobremodo impressionou-me tal ciência.

1 Todas as traduções feitas nesta pesquisa são minhas. “Tous les bons esprits répètent, depuis Bacon, qu’il n’y a de connaissances réelles que celles qui reposent sur de faits observés”.

2 “non moins impérieuse de se créer des théories quelconques pour se livrer à des observations suivies”.

E desde então, querida Viscondessa,
 Por mais que jurem coisas do infinito
 Dessa idéia não logram que me desça;

Consenti, pois, dizer o que repito,
 Inda que isso a vós mal vos pareça
 - Em alma, Deus e céus não acredito.

(MENEZES, 1957, p. 93)

Essa necessidade da observação influenciou tanto as teorias sobre as raças, assunto a ser tratado posteriormente, quanto aquelas sobre representação e referencialidade, pois agora, no Realismo-Naturalismo, “é dominante a correlação da atividade literária com as ações contidas em verbos como ‘retratar’, ‘ver’, ‘olhar’, ‘enxergar’” (SÜSSEKIND, 1984, p. 99), lançando, assim, a literatura no campo da fotografia. Para a autora, o romance se livra, dessa forma, de possíveis estranhamentos ou ambigüidades que possam comprometer a sua concepção de realidade e o texto passa a ser definido “pela relação a uma exterioridade, a um referente determinado” (SÜSSEKIND, 1984, p. 99). Não dando lugar a múltiplas interpretações, o romance naturalista “se afirma como realidade e sua leitura como assimilação ‘correta’ desse real” (SÜSSEKIND, 1984, p. 107), podendo, portanto, a sua eficiência ser medida pela capacidade de passar da “ficção a registro, informação, certeza. De representação à reduplicação fotográfica da realidade. De texto a imagem documental” (SÜSSEKIND, 1984, p. 110).

O caráter fotográfico da obra aluisiana levou os seus leitores a *enxergar* o romance como um retrato da vida real da sociedade ludovicense, como se a transposição do real para o ficcional, mencionada por Candido (2000), não terminasse aí, mas retornasse ao real como reduplicação da realidade (real-ficcional-real). Diante disso, de acordo com Raimundo Menezes (1957), autor da biografia de Aluísio Azevedo, a repercussão d’*O Mulato* em São Luís não foi das melhores, já que seus habitantes viam, nas personagens da obra, uma crítica direta a si mesmos, como se o romance fosse um registro, cuja função ideológica era combater os costumes daquela província. Para o autor de *Aluísio Azevedo, Uma Vida de Romance*, a obra

(...) retrata com extraordinária fidelidade de caricatura o ambiente de São Luís do Maranhão. Dentro do livro movimentam-se e agitam-se pessoas apontadas, a cada passo, nas ruas e nas casas: os padres, os comerciantes, os comendadores andam por ali, à vista de todos, e sentem-se fotografados, motivo por que não procuram esconder a sua cólera e indignação. A primeira a romper a relação com a família Azevedo, deixando de aparecer no sobrado da Rua do Sol, é a D. Ana Leger, amiga de longa data, que figura – todos o sabem – como sendo aquela bisbilhoteira levada da breca que circula no volume com o nome de D. Amância Souselas... Outros também se indispõem, esbravejando, agastados: o comerciante Manuel Pedro da Silva, mais conhecido pela alcunha de Manuel Pescada, exaspera-se; o clero toma as dores do malsinado cônego Diogo, apontado, nas páginas de “O Mulato”, como o padre sem escrúpulos (...). (MENEZES, 1957, p.122)

Além das represálias dos cidadãos comuns, a crítica literária, também, não perdoou o Realismo aluisiano n’*O Mulato*. Euclides Faria, autor da crônica *Lá Vai “O Mulato”*, publicada no jornal *Civilização* sob o pseudônimo de Joaquim Albuquerque, declara que Aluísio deveria experimentar essas “teorias novas, idéias avançadas (...) em si ou nos seus” (1975, p.277). Afirma, ainda, que Aluísio, a fim de dar

(...) a medida exata do seu realismo, devia abandonar essa vidinha peralvilha, de pó de arroz e escrevinhadelas tolas contra a vida alheia: vá para a foice e o machado. Ele que tanto ama a natureza, que não crê na metafísica nem na Religião, que só tem entusiasmo pelos bifés, banhos, pela saúde do corpo, numa palavra: pelo real, sensível ou material, devia abandonar essa vidinha de vadio e ir cultivar as nossas ubérrimas terras. À lavoura! meu Zote, à lavoura! precisamos de braços e não de prosas ou retóricas em romances: isto sim, é real. A agricultura felicita os indivíduos e enriquece os povos: à lavoura! à foice! e à enxada! *Res non verba*. (FARIA, 1975, p. 277).

Assim, entre as várias “fotografias” mostradas n’*O Mulato*, uma de grande importância estava relacionada com o preconceito racial. O narrador da obra alusiana dá pormenores do tratamento dispensado aos negros e aos seus descendentes, trazendo, para o leitor, cenas de crueldade brutal. No entanto, juntamente com essas descrições hediondas, aparecem outras, de personagens negras, que soam preconceituosas. Para que se possa, portanto, perceber, com clareza, as instâncias nas quais as personagens negras são consideradas inferiores às brancas, é necessário uma visita à teoria científica defensora da superioridade da raça branca tão em voga na segunda metade do século XIX.

1.2. As Teorias Racistas no Romance Oitocentista Brasileiro

Para a análise de alguns romances escritos na segunda metade do século XIX, objetivando verificar possíveis indícios de racismo nas suas narrativas, é imprescindível uma visita às teorias científicas que defendiam a inferioridade da raça negra, teorias essas que Tzevan Todorov (1989) chamava de *racialistas*³. O filósofo e lingüista búlgaro, em sua obra *Nous et les Autres*, faz uma diferença entre racismo e racialismo e declara que o racismo se refere ao comportamento resultante do ódio ou do desprezo diante de pessoas que possuem características físicas diferentes das nossas, enquanto o racialismo parte de uma ideologia, de uma doutrina sobre as raças humanas. Para ele, os dois conceitos não precisam estar juntos necessariamente, já que uma pessoa racista não é, obrigatoriamente, um teórico sobre o racismo. Todorov (1989) afirma que a doutrina racista possui cinco proposições principais, que serão resumidas aqui:

1. *A existência das raças*. Esta primeira proposição afirma a realidade das raças, que são agrupamentos humanos cujos membros possuem características físicas comuns.
2. *A continuidade entre o físico e o moral*. As raças não são apenas grupos de indivíduos classificados de acordo com suas características físicas, mas há

³ Utilizo o termo racialista, conforme a descrição de Todorov, apesar de não encontrar o vocábulo em dicionários de Língua Portuguesa.

uma continuidade entre as características físicas e as características morais de um grupo, mostrando, assim, que as diferenças culturais entre povos são decorrentes de suas diferenças físicas.

3. *A ação do grupo sobre o indivíduo.* De acordo com esta terceira proposição, o comportamento do indivíduo depende do comportamento do grupo sociocultural a que ele pertence.
4. *Hierarquia única de valores.* Todorov (1989) declara que, para os teóricos do racismo, as raças não são apenas diferentes, elas são superiores ou inferiores dentro de uma hierarquia única de valores, elaborando, assim, juízos universais sobre essas raças.
5. *Política fundamentada no saber.* Esta última proposição estabelece uma política engajada nas doutrinas anteriormente apresentadas, que coloca o mundo em harmonia com a descrição precedente. Dessa forma, “tendo estabelecido os fatos, o racista tira deles um julgamento moral e um ideal político” (TODOROV, 1989, p. 117) ⁴. Assim, a submissão das raças inferiores ou, até mesmo, a sua eliminação, pode ser justificada politicamente.

Conforme Todorov (1989), a doutrina do racismo era resultante de estudos científicos a respeito das raças. Entre os vários cientistas respeitados pela comunidade científica de então, cito o zoólogo suíço Luiz Agassiz (2000), cujas teorias raciais influenciaram a doutrina da supremacia branca não só nos Estados Unidos, como também no Brasil. De acordo com a enciclopédia interativa Compton (1995), Agassiz, após ter aceitado a cadeira de história natural na Universidade de Harvard em 1848, tornou-se o primeiro diretor do Museu de Zoologia Comparativa daquela instituição, onde permaneceu até 1873, ano da sua morte.

Entre 1865 e 1866, o zoólogo suíço comandou uma expedição científica ao Brasil e, juntamente com sua esposa Elisabeth Cary Agassiz, escreveu o relato dessa viagem em uma obra intitulada *Voyage au Brésil*, que foi publicada em 1867 e, no Brasil, reeditada em 2000 na coleção *O Brasil Visto por Estrangeiros*, durante a comemoração dos quinhentos anos do país. Skidmore afirma que esse livro foi

4 “Ayant établi lês ‘faits’, lês racaliste en tire un jugement moral et um ideal politique”.

largamente citado no Brasil e “deu curso entre a elite às idéias de diferenças raciais inatas e de *degenerescência* [grifo do autor] mulata” (1976, p. 67). Eis alguns desses relatos encontrados em *Viagem ao Brasil* (2000) referentes ao negro que vivia em solo brasileiro:

- No Rio de Janeiro, o casal vê um grupo de negros a dançar ao clarão de uma fogueira e escreve: “Não se podem contemplar esses corpos robustos, nus pela metade, essas fisionomias desinteligentes, sem se formular uma pergunta, a mesma que inevitavelmente se faz toda vez que a gente se encontra em presença da raça negra: ‘Que farão essas criaturas do dom precioso da liberdade?’ O único meio de por um termo às dúvidas que nos invadem então é de pensar nas conseqüências do contato dos negros com os brancos. Pense-se o que se quiser dos negros e da escravidão, sua perniciosa influência sobre os senhores não pode deixar dúvidas em ninguém” (p. 66-67).
- Ao relatar os caracteres gerais da população amazônica, alude à escassa população branca: “Ela apresenta o singular fenômeno duma raça superior recebendo o cunho duma raça inferior (...)” (p. 239).
- De volta ao Rio de Janeiro, ao escrever sobre a educação da mulher no Brasil, diz o seguinte: “(...) há também uma ausência de educação doméstica profundamente entristecedora: é a conseqüência do contato incessante com os criados pretos e mais ainda com os negrinhos que existem sempre em quantidade nas casas. Que a baixeza habitual e os vícios dos pretos sejam ou não efeito da escravidão, o certo é que existem” (p. 438).
- Ao comparar os traços físicos do negro ao do macaco: “Como os macacos de braços compridos, os negros são em geral esguios: têm pernas compridas e tronco relativamente curto” (p. 486).

Gostaria de enfatizar que essas idéias encontraram, na elite intelectual brasileira, um solo fértil. Sílvio Romero, por exemplo, declara que “Agassiz **provou** [grifo meu] que as raças humanas distinguem-se entre si na mesma proporção em que se distinguem a fauna e a flora de sete ou oito centros diversos do mundo” (1980, p. 108). Publicada em 1888, a *História da Literatura Brasileira* revela a preocupação do autor em tomar posição diante do complexo mundo das teorias raciais da segunda metade do século XIX. Declara-se, portanto, poligenista quando

diz: “Eu acredito na origem poligenista do homem, defendida por Morton, Nott, Agassiz, Littré e Broca” (1980, p. 107). Concorda, ainda, com a superioridade da raça branca, a portuguesa, porque o português, “sem ser o único, é o principal agente de nossa cultura” (ROMERO, 1980, p. 104).

Entre os cientistas mencionados por Romero (1980), destaco o médico e cirurgião Josiah Clark Nott (2005), cujas teorias raciais estão inseridas em um livro de ensaios escritos em conjunto com George Gliddon, um egiptólogo americano. Seu livro *Types of Mankind or Ethnological Researches*, escrito em 1854, foi integralmente digitalizado pela Universidade de Michigan, nos Estados Unidos, em 2005. Aqui estão algumas de suas asserções referentes às raças:

- a superioridade da raça branca: “o negro e outras raças não intelectuais mostraram-se (...) possuidores de cabeças muito menores, através de medições reais em polegadas cúbicas, do que as raças brancas; (...) não pode ser negado que essas raças negras são, neste particular, grandemente inferiores às outras de peles mais claras”⁵ (2005, p. 403).
- o estudo do Prof. Agassiz quanto ao cérebro de um negro adulto: “O Prof. Agassiz também afirma que (...) seu desenvolvimento nunca vai além daquele desenvolvido no caucasiano na meninice; e, além de outras singularidades, ele possui, em vários particulares, uma semelhança marcada com o cérebro do orangotango (...)”⁶ (2005, p. 415).
- as características do mulato: “(...) eu mantive essas proposições: (1) que os *mulatos* [grifo do autor] são os que menos vivem de qualquer classe de raça humana; (2) que os *mulatos* [grifo do autor] são intermediários em inteligência entre os negros e os brancos; (3) que eles são menos capazes de suportar fadiga e sofrimento, do que os negros ou os brancos”⁷ (2005, p. 373).

5 “The Negro and other unintellectual types have been shown (...) to possess heads much smaller, by actual measurement in cubic inches, than the white races; (...) it can not be denied that these dark races are, in this particular, greatly inferior to the others of fairer complexions”.

6 “Professor Agassiz also asserts that (...) its development never goes beyond that developed in the Caucasian in boyhood; and, besides other singularities, it bears, in several particulars, a marked resemblance to the brain of the orang-outan”.

7 “(...) I maintained these propositions: (1) that *mulattoes* are the shortest-lived of any class of the human races; (2) that *mulattoes* are intermediate in intelligence between the blacks and the whites; (3) that they are less capable of undergoing fatigue and hardship than either the blacks or whites”.

- a classificação das raças quanto à sua inteligência: “(...) porque o mulato, se certamente mais inteligente do que o negro, é menos inteligente do que o branco. Sua inteligência, como via de regra, aumenta em proporção à quantidade de sangue de brancos nas suas veias”⁸ (2005, p. 402).

Essa teoria de Nott sobre a curta vida do mestiço era, também, compartilhada por Sílvio Romero, que não acreditava em um Brasil se constituindo em uma “*nação de mulatos* [grifo do autor], pois que a forma branca vai prevalecendo e prevalecerá” (1980, p. 120).

Outro grande nome da história brasileira no século XIX, Joaquim Nabuco, político, diplomata e historiador, que defendeu, veementemente, a abolição da escravatura no Brasil, não conseguiu se desvencilhar de algumas dessas teses que estavam tão em voga nos Estados Unidos e no Brasil. Em 1883, publicou *O Abolicionismo*, livro no qual descreve a influência da escravidão sobre a sociedade brasileira. Eis algumas de suas declarações que estão impregnadas de teorias racistas:

- A inferioridade da raça negra: “Muitas das influências da escravidão podem ser atribuídas à raça negra, ao seu desenvolvimento mental atrasado, aos seus instintos bárbaros ainda, às suas superstições grosseiras” (1883, p. 125).
- A influência negativa do negro na população branca: “Chamada para a escravidão, a raça negra, só pelo fato de viver e propagar-se, foi-se tornando um elemento cada vez mais considerável da população. (...) Foi essa a primeira vingança das vítimas. Cada ventre escravo dava ao senhor três ou quatro *crias* [grifo do autor] que ele reduzia a dinheiro; essas por sua vez multiplicavam-se, e assim os vícios do sangue africano acabavam de entrar na circulação geral do país” (1883, p. 119).

⁸ “(...) for the mulatto, if certainly more intelligent than the Negro, is less so than the white man. His intelligence, as a general rule, augments in proportion to the amount of white blood in his vein”.

Além dos nomes já mencionados, o do Dr. Nina Rodrigues não pode ser esquecido. De acordo com Bosi (2002), Nina Rodrigues, médico, etnólogo e professor da Faculdade de Medicina da Bahia, escreveu *Os Africanos no Brasil* entre 1890 a 1905; entretanto, sua obra só foi publicada em 1932, após a sua morte. David Brookshaw (1983), professor do departamento de espanhol e estudos latino-americanos da Universidade de Bristol, afirma que essa obra, cujo tema é a influência da cultura africana no Brasil, “é reputada como básica, não obstante seu preconceito racial ser tão patente” (1983, p. 51). Essas são algumas das teses de Nina Rodrigues:

- A inferioridade da raça negra: “Para a ciência não é esta inferioridade mais do que um fenômeno de ordem perfeitamente natural, produto da marcha desigual do desenvolvimento filogenético da humanidade nas suas diversas divisões ou seções” (NINA RODRIGUES, 1988, p. 5).
- A influência negativa do negro na população branca: “Está claro que a influência por eles exercida sobre o povo americano que ajudaram a formar será tanto mais nociva quanto mais inferior e degradado tiver sido o elemento africano introduzido pelo tráfico” (NINA RODRIGUES, 1988, p. 268).

Que o negro era inferior ao branco, isso era senso comum entre os pensadores do século XIX. O que eles não conseguiam obter era um denominador comum quanto à posição do mestiço, ou seja, daquele que era fruto de uma pessoa de “raça superior” com outra de “raça inferior”. Como verificado anteriormente, alguns poligenistas como Nott e Gliddon “defendiam a tese da esterilidade dos mulatos, uma vez que as leis da zoologia ensinavam que todo animal produzido por união de pais de espécies diferentes nascia incapaz de procriar (SKIDMORE, 1976, p. 71). Para Skidmore, ainda, essa teoria não encontrou muitos adeptos no Brasil, já que “nem o poligenista mais fanático podia ignorar a evidência da fertilidade do mulato” (1976, p. 71).

Silvio Romero declarou, também, que um estudo “mais despreocupado dessa questão provou não existir na humanidade o fenômeno característico do hibridismo” (1980, p. 120). No entanto, muitos acreditavam que a miscigenação era um dano à

população devido ao elemento negro dessa união. Nina Rodrigues afirma que a influência do negro na nossa cultura “há de constituir sempre um dos fatores da nossa inferioridade como povo” (1988, p. 7). Portanto, partindo da teoria da superioridade da raça branca, alguns acreditavam que ela iria prevalecer sobre a raça negra ao longo do tempo, “embranquecendo”, dessa forma, toda a população brasileira. Sílvia Romero assertou que a seleção natural “faz prevalecer o tipo de raça mais numerosa, e entre nós das raças puras a mais numerosa, pela imigração européia, tem sido e tende ainda mais a sê-lo, a branca” (1980, p. 101). Previu, então, que essa fusão étnica estaria completa “dentro de dous ou três séculos” (ROMERO, 1980, p. 101).

A teoria do *embranquecimento* estava, então, firmada e muitos acreditavam que a “miscigenação não produzia inevitavelmente ‘degenerados’, mas uma população mestiça sadia, capaz de tornar-se sempre mais branca, tanto cultural quanto fisicamente” (SKIDMORE, 1976, p. 81). Contudo, para que isso acontecesse, era necessário trazer o elemento branco para dentro da nação brasileira e a “imigração branca em quantidade suficiente cumpriria, esperava-se, o duplo propósito de branquear, tanto física quanto psicologicamente, os brasileiros de descendência mista – ou no pensamento da época – fisicamente e *portanto* [grifo do autor] psicologicamente” (BROOKSHAW, 1983, p. 53).

Na literatura brasileira do século XIX, o elemento negro não está dissociado de todas as teorias racistas já aqui analisadas. Para Brookshaw (1983), o preconceito racial é nela encontrado na representação estereotipada de personagens negras. Cashmore define estereótipo, no campo das relações raciais, como “uma generalização excessiva a respeito do comportamento ou de outras características de membros de determinados grupos” (2000, p. 194). A linha de separação entre estereótipo e preconceito é, para o autor, bastante tênue, já que “os estereótipos raciais ou étnicos são geralmente expressões de preconceito contra os grupos em questão” (CASHMORE, 2000, p. 195) e refletem, dessa forma, as teorias científicas da inferioridade da raça negra.

Baseado nos estereótipos mencionados por Brookshaw (1983), apresento uma classificação dos tipos de escravos, que buscarei encontrar em alguns

romances brasileiros publicados na segunda metade do século XIX, anteriores a *O Mulato*:

- *o escravo demônio* – o fugitivo, o insurreto, o que é prejudicial ao convívio nas famílias de brancos;
- *o escravo desprezível* – o negro que é feio, sujo, preguiçoso e que faz um trabalho malfeito;
- *o escravo imoral* – aquele que é representado na figura da escrava robusta e sensual, sempre procurando sexo com o seu senhor;
- *o escravo fiel* – o eterno escravo com uma índole humilde e resignada, sendo, portanto, “incapaz de contribuir positivamente para o desenvolvimento da nação” (BROOKSHAW, 1983, p.16). Sua fidelidade é comparada à do cão e a passividade, à do burro de carga;
- *o escravo nobre* – o mestiço “embranquecido”, que possui atributos de “brancura” física e, por conseguinte, é superior culturalmente.

Julgo importante a menção de que não pretendo analisar um número grande de romances brasileiros anteriores a *O Mulato*, já que o objetivo final deste capítulo é a análise da narrativa da obra aluisiana em si. Através da leitura de romances que apresentam personagens negras, buscarei verificar se os estereótipos supracitados foram ou não usados pelos narradores das obras. Dessa forma, será possível concluir se, na obra aluisiana em estudo, o narrador desconstrói essa visão preconceituosa na descrição das suas personagens negras ou se conforma com as teorias racistas já examinadas. Serão analisados, portanto, por ordem cronológica, *Memórias de Um Sargento de Milícias* de Manuel Antônio de Almeida, livro publicado em 1854, *As Vítimas Algozes – Quadros da Escravidão* de Joaquim Manuel de Macedo, em 1869, *O Tronco do Ipê* de José de Alencar, em 1871, *A Escrava Isaura* de Bernardo Guimarães, em 1875, e *Iaiá Garcia* de Machado de Assis, em 1878.

O romance *Memórias de Um Sargento de Milícias* foi publicado, primeiramente, em folhetins. Como livro, ele apareceu em 1854, vinte e sete anos antes da publicação de *O Mulato*. Nele, é narrada a história de Leonardo-Pataca, pai de Leonardo, o sargento de milícias, que, ao se ver traído por sua mulher e, posteriormente, pela cigana por quem se apaixonara, resolve ir à casa de um

feiticeiro negro buscar a sua *fortuna*. A casa do feiticeiro é descrita como “coberta de palha da mais feia aparência, cuja frente suja e testada enlameada bem denotavam que dentro o asseio não era muito grande” (ALMEIDA, 1997, p. 24). Essa imagem de sujeira está, também, na narrativa, ligada à de feiúra, sendo o feiticeiro sem nome descrito como “um caboclo velho, de cara hedionda e imunda, e coberto de farrapos” (ALMEIDA, 1997, p. 24); em outras palavras, era um “nojento nigromante” (ALMEIDA, 1997, p. 25) que, além de outros defeitos, cobrava, como pagamento das venturas e felicidades concedidas, o “cômodo preço da prática de algumas imoralidades e superstições” (ALMEIDA, 1997, p. 25). Em suma, o narrador usa a imagem de um feiticeiro que, através dos qualificativos empregados para descrevê-lo, concentrava os atributos de feiúra, sujeira, imoralidade e feitiçaria, ou seja, a do estereótipo do *escravo desprezível*.

As Vítimas Algozes – Quadros da Escravidão, de Joaquim Manuel de Macedo, publicado em 1869, doze anos antes da publicação d’*O Mulato*, é composto de três novelas: *Simeão – o crioulo*, *Pai-Raiol – o feiticeiro* e *Lucinda – a mucama*. Neles, o narrador busca justificar a necessidade da abolição da escravatura por um motivo bem claro: os escravos são perniciosos ao convívio dos brancos, seus senhores. Estes são, muitas vezes, laureados, na narrativa, por sua grande bondade, já que “nunca em parte alguma do mundo houve senhores mais humanos e complacentes do que no Brasil” (MACEDO, 1991, p. 62). A obra macediana é, portanto, um alerta aos senhores donos de escravos a respeito não só do mal “que o senhor, *ainda sem querer* [grifo meu], faz ao escravo” (MACEDO, 1991, p. 4), mas, também, dos “vícios ignóbeis, a perversão, os ódios, os ferozes instintos do escravo” (MACEDO, 1991, p.4), fato que atenta contra “a fortuna, a vida e a honra dos seus *incôscios* [grifo meu] opressores” (MACEDO, 1991, p. 5). Nessas novelas, encontra-se, em primeiro lugar, constantes referências à selvageria do escravo, “o animal composto de gelo e ódio” (MACEDO, 1991, p. 29), já que o “gelo de indiferença selvagem, ingratidão perversa (...) não se encontram, senão na alma do escravo!...” (MACEDO, 1991, p. 26). O narrador de *Simeão – o crioulo* afirma que, enquanto os brancos conhecem um amor puro como “aromas exalados por duas flores” (MACEDO, 1991, p. 45), os escravos, “sem o socorro da poesia dos sentimentos que alimenta o coração e o transporta às regiões dos sonhos que se banham nas esperanças de santos e suaves laços, (...) só se deixam arrebatado pelo

instinto animal [grifo meu], que por isso mesmo os impele mais violento (sic)” (MACEDO, 1991, p. 42). O coração do escravo é, portanto, “escuro, tenebroso como noute de tempestade: é abismo profundo e sem luz coberto pela crosta da tristeza íntima e da desconfiança perpétua” (MACEDO, 1991, p. 59).

Na primeira novela, o narrador conta a história de Simeão, um “dos crioulos amorosamente criados por seus senhores” (MACEDO, 1991, p. 17), Domingos e Angélica, “senhores bons e humanos” (MACEDO, 1991, p. 21). Simeão, possuído pela ingratidão, tornou-se “odiento e inimigo figadal de seus benfeitores” (MACEDO, 1991, p. 22). O narrador diz que ele chegou ao ponto de assassinar Angélica, sua filha Florinda e seu genro, Hermano. Simeão era, para o narrador, o “demônio da ingratidão e da perversidade” (MACEDO, 1991, p. 65), sendo morto na forca em punição pelo seu crime.

Na segunda novela, é narrada a história de duas personagens negras: o Pai-Raiol e Esmerinda. Pai-Raiol é descrito, pelo narrador, como um feiticeiro africano que trazia, no seu físico, características que o tornavam quase um monstro:

(...) homem de baixa estatura, tinha o corpo exageradamente maior que as pernas; a cabeça grande, os olhos vinhos; trazia porém nas faces cicatrizes vultuosas de sarjaduras recebidas na infância: um golpe de azorrague lhe partira pelo meio o lábio superior (...); a barba retorcida e pobre que ele tinha mal crescida no queixo (...), em vez de ornar, afeiava-lhe o semblante; uma de suas orelhas perdera o terço da concha na parte superior cortada violentamente (...); e finalmente braços longos prendendo-se a mãos descomunais que desciam à altura dos joelhos completavam-lhe o aspecto repugnante da figura mais antipática (MACEDO, 1991, p. 82).

Além de toda essa hediondez física, o narrador diz que Pai-Raiol era feiticeiro e afirma que o recurso a essa prática “é uma peste que nos veio com os escravos d’África”, que trouxeram, para o solo brasileiro, “as superstições, os erros, as misérias, e as torpidades da selvaticueza” (MACEDO, 1991, p. 75); iam, dessa forma, contra a religião do branco, a “religião única verdadeira” (MACEDO, 1991, p. 73). Em suma, para o narrador, “Pai-Raiol era o demônio do mal e do rancor”

(MACEDO, 1991, p. 92), cujas características coincidem com as do estereótipo do *escravo demônio*.

Esmerinda é descrita como “um composto de dissimulação profunda, de egoísmo enregelado, e de aversão abafada” (MACEDO, 1991, p. 86). Ela atrai, fisicamente, Paulo Borges, o seu senhor, e com ele passa a coabitar. Sempre instruída por Pai-Raiol, Esmerinda torna-se um perigo dentro da casa grande, já que mata por envenenamento a esposa de Paulo Borges, Teresa, e os dois filhos do casal, Luís e Inês. O narrador assera que Esmerinda visava à morte de Paulo Borges também, mas é descoberta e presa. É, assim, para o narrador, o fim de todo branco que, mesmo possuindo “a superioridade física da raça” (MACEDO, 1991, p. 99), se coloca sob a influência “maléfica, odienta, terrível” (MACEDO, 1991, p. 110) da escrava ou do escravo, que “são fontes de venenos abertas e conservadas em nossas casas” (MACEDO, 1991, p. 105). A descrição de Esmerinda torna-se, assim, bastante próxima da do estereótipo da *escrava imoral*.

Em *Lucinda – a mucama*, o narrador enfatiza o determinismo diabólico da escravidão: todo escravo é mau ou torna-se mau, independentemente da sua idade. Ele conta a história de uma escrava que, aos doze anos de idade, é entregue a Cândida como presente do seu décimo primeiro aniversário. Mesmo tendo recebido um exemplo de educação, já que “aos onze anos falava o francês, conhecia o inglês, a geografia, a história, tocava piano e cantava com sua voz que era já naturalmente canto mavioso (...)” (MACEDO, 1991, p. 156), para o narrador, Cândida não conseguiu fugir da influência perniciosa da mucama, uma “filha da mãe fera, uma vítima da opressão social, uma onda envenenada desse oceano de vícios obrigados, de perversão lógica, de imoralidade congênita (...)” (MACEDO, 1991, p. 160).

Lucinda, que mesmo aos treze anos de idade “só respirava lascívia em desejos, ações e palavras de fogo infernal” (MACEDO, 1991, p. 178), é, dessa forma, estereotipada como a “escrava imoral” (MACEDO, 1991, p. 179), “a fonte maldita” da qual Cândida “bebera a água da desmoralização desde seus anos de menina” (MACEDO, 1991, p. 190). Ela, “imoral, viciosa e lasciva” (MACEDO, 1991, p. 198), foi responsável por (1) ensinar, rudemente, à Cândida, “teorias sensuais da missão da mulher” (MACEDO, 1991, p. 267); (2) desmoralizar, aviltar e estragar os

sentimentos de Cândida, “levando-a pouco a pouco à prática de namoros multiplicados e vergonhosos” (MACEDO, 1991, p. 267); e, finalmente, (3) enganar Cândida com o amor de um francês desonesto, Souvanel, que lhe prometera a liberdade se ele se casasse com Cândida.

O escravo, portanto, nas três novelas de Macedo (1991), é caracterizado de forma análoga aos estereótipos de *imoral*, *desprezível* e *demoníaco*, não conseguindo, assim, fugir do determinismo da escravidão, já que, para o narrador, não há escravos bons, pois a escravidão a todos corrompe. O sistema da escravidão é, para ele, “um crime da sociedade escravagista (...)” que “se vinga desmoralizando, envenenando, desonrando, empestando, assassinando seus opressores” (MACEDO, 1991, p. 314).

No romance *O Tronco do Ipê* de José de Alencar, publicado em 1871, dez anos antes de *O Mulato*, o narrador conta a história de Pai Benedito, que morava na antiga cabana de Pai Inácio, descrito como “um negro cambaio”, tido como feiticeiro devido ao seu “aspecto disforme” (ALENCAR, 1969, p. 62). Pai Benedito morava na fazenda do Barão da Espera, que possuía vários escravos que são, muitas vezes, descritos, pelo narrador, como preguiçosos, demandando a supervisão do branco, a fim de que o trabalho seja executado da forma desejada. Alice, filha do Barão, tinha, por exemplo, de descer “à copa a fim de ver o serviço das pretas (...) que não executavam com a desejada rapidez” (ALENCAR, 1969, p. 150). O narrador, assim, utiliza o estereótipo do *escravo desprezível*, ou seja, daquele que é feio, sujo, preguiçoso e faz um trabalho malfeito.

O narrador relata, ainda, a história de Mário, filho do antigo dono da fazenda de Nossa Senhora do Boqueirão. Com a morte do pai, amigo de infância do Barão, Mário e sua mãe permaneceram na fazenda, sob sua proteção. Pai Benedito, que conheceu o pai de Mário, guarda pelo filho uma profunda adoração. É o negro que, “cuidadoso pelo menino, a quem amava com extrema dedicação” (ALENCAR, 1969, p. 110), passa a adorá-lo, principalmente após Mário salvar Alice de morte por afogamento. Para o narrador, “o velho africano, que já adorava aquele menino e admirava a sua destreza e coragem, começou, desde então, a venerar nele alguma coisa de sobrenatural, incompreensível para seu espírito inculto” (ALENCAR, 1969,

p. 126). Essa abnegação do escravo é comparada à do cão, pois, para o narrador, nada é “mais interessante do que ver o negro atlético dobrar-se ao aceno de um menino, lembrando um desses cães da Terra-Nova, que se deixam pacientemente fustigar por uma criança, mas estrangulariam o homem que os irritasse” (ALENCAR, 1969, p. 53). Pai Benedito, portador de uma “alma rude mas delicada” (ALENCAR, 1969, p. 50), representa, nesse romance, o estereótipo do *escravo fiel*, cuja meta de vida consiste em adorar e venerar o branco “como a um ídolo” (ALENCAR, 1969, p. 128).

O romance *Escrava Isaura*, escrito por Bernardo Guimarães, foi publicado em 1875, seis anos antes d'*O Mulato*. Nele encontra-se a história de Isaura, “bela e nobre figura de moça”, com uma “tez como o marfim do teclado, alva que não deslumbra”, um “busto maravilhoso”, “cabelos soltos e fortemente ondulados”, “porte esbelto e a cintura delicada” (GUIMARÃES, 2004, p. 5 e 6). Quanto à sua educação, ela sabia desde “ler e escrever a coser e rezar”, além de ter tido mestres de “música, de dança, de italiano, de francês, de desenho” (GUIMARÃES, 2004, p. 12); finalmente, quanto à sua moral, ela é descrita com uma “índole tão bondosa e fagueira, tão dócil, modesta e submissa” (GUIMARÃES, 2004, p. 13), que, mesmo diante do “mimo com que era tratada em nada lhe alterava a natural bondade e candura do coração. Era sempre alegre e boa com os escravos, dócil e submissa com os senhores” (GUIMARÃES, 2004, p. 12).

A trama da obra gira em torno dos sofrimentos imputados à escrava “embranquecida”, chegando a ser, por muitos, comparados aos do Pai Tomás, do romance *A Cabana do Pai Tomás*, de Harriet Beecher Stowe, que será analisado no segundo capítulo deste trabalho. Para Bosi (1994), essa comparação é um evidente exagero, já que “o nosso romancista estava mais ocupado em contar as perseguições que a cobiça de um senhor vilão movia à bela Isaura que em reconstruir as misérias do regime servil” (p. 144). De fato, entre as escravas da fazenda de Leôncio, “desde a velha africana, trombuda e macilenta, até a roliça e luzidia crioula, desde a negra brunida como azeviche até a mulata quase branca” (GUIMARÃES, 2004, p. 35), a escrava que está em evidência é a heroína Isaura, pois nela “nada havia (...) que denunciasses a abjeção do escravo” (GUIMARÃES, 2004, p. 35). O narrador chega ao ponto de dizer que Isaura “é uma perfeita

brasileira” (GUIMARÃES, 2004, p. 15), corroborando, assim, tanto a teoria racista de Sílvio Romero, referente ao embranquecimento da raça negra como uma solução do problema racial no Brasil, quanto o estereótipo do *escravo nobre*.

Em contrapartida, há, também, no enredo, o exemplo do *escravo imoral*, através da personagem Rosa. Essa escrava, “esbelta e flexível de corpo”, com “o rostinho mimoso, lábios um tanto grossos, mas bem modelados, voluptuosos, úmidos e vermelhos como boninas que acabam de desabrochar em manhã de abril” (GUIMARÃES, 2004, p. 35), é descrita, também, como possuidora de um temperamento maligno. O narrador a descreve como uma “maligna mulata”, “maliciosa rapariga” e “perversa mulatinha” (GUIMARÃES, 2004, p. 48), que tinha ciúmes de Isaura por ter sido preterida por seu senhor, Leôncio, que tinha, pela escrava embranquecida, o “mais cego e violento amor” (GUIMARÃES, 2004, p. 14).

Em *Iaiá Garcia*, romance de Machado de Assis, publicado em 1878, três anos antes d’*O Mulato*, é narrada a história de Raimundo, “um preto de cinqüenta anos, estatura mediana, forte, apesar de seus largos dias, um tipo de africano, submisso e dedicado. Era escravo e livre” (ASSIS, 1989, p. 12). Raimundo tornara-se escravo de Luís Garcia, pai de Iaiá Garcia, que, com a morte de seu pai, o recebera por herança. Entretanto, Luís logo deu-lhe a carta de alforria.

O narrador revela que Raimundo, mesmo livre, permaneceu na casa de Luís para servi-lo. De fato, ele “vivia da alegria dos dois” (ASSIS, 1989, p. 14), ou seja, a sua vida era submissamente devotada a Luís e a Iaiá. Mesmo quando entoava o canto da África, “o canto do preto não era de saudade” (ASSIS, 1989, p. 13), já que seu pensamento não se voltava ao berço africano, mas “galgava a janela da sala em que Luís Garcia trabalhava e pousava sobre ele como um feitiço protetor” (ASSIS, 1989, p. 13).

Mesmo diante de um ex-escravo, devido à sua declarada alforria, o narrador somente uma vez refere-se a ele como o “antigo escravo” (ASSIS, 1989, p. 14); na maioria das vezes, portanto, ele ratifica a posição subserviente do negro que, submisso ao seu ex-dono, exemplifica o estereótipo do *escravo fiel*. Eis algumas ocorrências nas quais Raimundo, mesmo sendo livre, é descrito como escravo e/ou

servo: “Raimundo parecia feito expressamente para servir Luís Garcia” (ASSIS, 1989, p. 12); “laiá festejava a lembrança do escravo” (ASSIS, 1989, p. 14); “(...) se a rude voz do escravo não a viesse acordar” (ASSIS, 1989, p. 64) etc.. Era o escravo Raimundo que, mesmo com o papel da liberdade, “feito” para servir, confirmava, dessa forma, a teoria racista da inferioridade da raça negra.

Em suma, não só em *laiá Garcia*, mas, também, nos outros quatro romances aqui analisados, foi possível encontrar os tipos estereotipados de escravos, conforme a classificação de Brookshaw (1983). O quadro abaixo resume os tipos de escravos encontrados em cada romance.

Obras Anteriores a' <i>O Mulato</i>	Escravo Demônio	Escravo Desprezível	Escravo Imoral	Escravo Fiel	Escravo Nobre
Memórias de Um Sargento de Milícias		X			
Vítimas Algozes	X	X	X		
O Tronco do Ipê		X		X	
Escrava Isaura			X		X
laiá Garcia				X	

Quadro 1: Comparação dos Estereótipos de Escravos em Obras Anteriores a' *O Mulato*

1.3. As Teorias Racistas em *O Mulato* de Aluísio Azevedo

Como foi percebido na primeira parte deste trabalho, *O Mulato* “fotografa” a vida da sociedade ludovicense com seus preconceitos e seus escrúpulos religiosos. A trama retrata, então, a questão do relacionamento inter-racial no qual Ana Rosa, filha do português Manuel Pescada e de Mariana, é proibida de casar-se com seu primo Raimundo, filho de José Pedro, irmão de Manuel Pescada, e da escrava Domingas. A figura abaixo mostra esse conflito familiar:

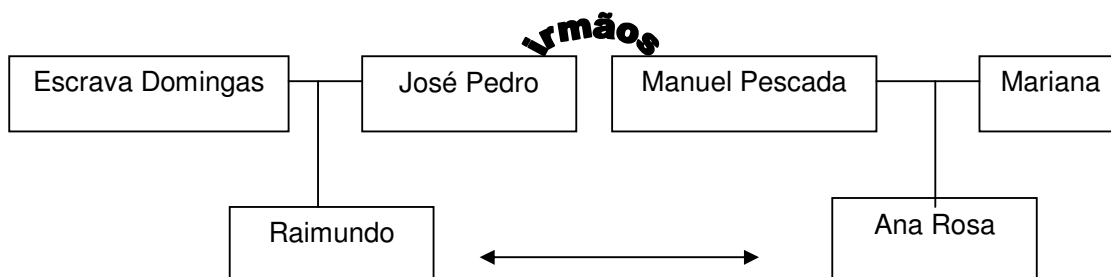


Figura 1 – O Conflito Familiar em *O Mulato*

Nesse embate social, Raimundo, filho do português José Pedro e de sua escrava Domingas, ignorava a sua ascendência, que só lhe é revelada quando pede a mão de sua prima Ana Rosa. Apesar do seu “embranquecimento” físico (pele clara, olhos azuis) e cultural (amante das artes e da ciência), o pedido é negado, com a confissão de Manuel Pescada, pai de Ana Rosa, que a única razão dessa negação era a sua mestiçagem, algo não aceito na sociedade de São Luis do Maranhão.

A recorrência nesse romance do preconceito racial é fato estabelecido e incontestável. A narração naturalista em *O Mulato* traz, muitas vezes, cenas fortes de maltrato aos negros, denunciando, assim, a perversidade dos brancos no tratamento dado a seus escravos, que, para os senhores, eram vistos como raça inferior. Como exemplo, gostaria de citar a descrição do tormento passado por Domingas, mãe de Raimundo. A esposa de José Pedro, D. Quitéria, descobrira que seu marido “distinguia com certa ternura o crioulo da Domingas” (AZEVEDO, 1992, p. 42) e resolveu, então, castigar a escrava. Assim,

(...) estendida por terra, com os pés no tronco, cabeça raspada e mãos amarradas para trás, permanecia Domingas, completamente nua e com as partes genitais queimadas a ferro em brasa. Ao lado, o filhinho de três anos, gritava como um possesso, tentando abraçá-la, e, de cada vez que ele se aproximava da mãe, dois negros, à ordem de Quitéria, desviavam o relho das costas da escrava para dardejá-lo contra a criança. A megera, de pé, horrível, bêbada de cólera, ria-se, praguejava obscenidades, uivando nos espasmos flagrantes de cólera. Domingas, quase morta, gemia, estorcendo-se no chão. O desarranjo de suas palavras e dos seus gestos denunciava já sintomas de loucura (AZEVEDO, 1992, p. 43).

Entretanto, mesmo diante dessa denúncia aos maus tratos sofridos pelos escravos, o narrador, contraditoriamente, faz descrições preconceituosas de personagens negras secundárias da trama. Essas descrições não podem passar despercebidas, principalmente após a análise das teorias científicas que defendiam a superioridade da raça branca e da amostragem de personagens negras representadas de forma estereotipada em obras anteriores a *O Mulato*.

Em primeiro lugar, assim como em *Vítimas Algozes* (1991), romance no qual Simeão se torna malfeitor e assassino, o narrador da obra aluisiana utiliza esse mesmo substantivo depreciativo, malfeitor, para descrever uma família de escravos fugidos. Ele afirma que eles eram “escravos fugidos com suas mulheres e seus filhos, formando uma grande família de malfeitores” (AZEVEDO, 1992, p. 48). Essa caracterização assemelha-se à do estereótipo do *escravo demônio* de Brookshaw (1983).

Outra caracterização encontrada na fala do narrador aluisiano está ligada à falta de asseio por parte dos escravos que trabalhavam na casa das Sarmentos, amigas da família de Ana Rosa. O narrador afirma que nas paredes da casa se via “à insuficiente claridade de uma lanterna suja, o sinal gorduroso das mãos dos escravos” (AZEVEDO, 1992, p. 132). Posteriormente na narrativa, após Raimundo sair da casa de Manuel Pescada e alugar o seu próprio espaço, empregou uma “preta velha” (...) que fazia os trabalhos da casa, sendo uma mulher

(...) magra, feia, supersticiosa, arrastando-se, a coxear, pela varanda e pelos quartos desertos, fumando um cachimbo insuportável, e sempre a falar sozinha, a mastigar monólogos intermináveis (AZEVEDO, 1992, p. 177).

Devido à falta de asseio no seu trabalho, uma “coisa muito mal amanhada”, Raimundo “tinha nojo de beber pelos copos mal lavados; banhava com repugnância o rosto na bacia barrada de gordura” (AZEVEDO, 1992, p. 178). Dessa forma, através dessas duas citações, percebe-se, na fala do narrador, o uso de adjetivos como *sujo*, *gorduroso*, *mal amanhado*, *mal lavado* e *feio*, que, assim como nas narrativas de *Memórias de Um Sargento de Milícias* (1997), d’*As Vítimas Algozes* (1991) e d’*O Tronco do Ipê* (1969), corrobora a descrição estereotipada do *escravo desprezível*.

Quanto ao estereótipo do *escravo imoral*, o narrador d’*O Mulato*, na sua descrição inicial da cidade de São Luís, descreve as peixeiras negras como muito gordas, que reboavam “os grossos quadris trêmulos e tetas opulentas” (AZEVEDO, 1992, p. 15). Ao referir-se às modinhas tocadas por José Roberto, um dos amigos de Manuel Pescada, declara que elas eram “apimentadas à baiana, com o travo

sensual e árabe dos lundus africanos” (p. 66). Assim, usando a imagem de escravas sensuais e de modinhas que tinham esse tom sensual, percebe-se a conexão feita entre o negro e o sensual, adjetivo usado pelo narrador, que se une aos narradores dos romances *Vítimas Algozes* (1991), na caracterização da personagem Lucinda, e *A Escrava Isaura* (2004), na da personagem Rita.

Ainda na descrição de personagens n’*O Mulato*, encontra-se Mônica, uma escrava forra, que, devido ao seu amor por Ana Rosa, filha do seu ex-senhor, Manuel Pescada, decide ficar na casa para servi-la. O narrador afirma que “havia seis anos que era forra. (...) Mas a boa preta deixou-se ficar em casa de seus senhores e continuou a desvelar-se pela laiá melhor que até então, mais cativa do que nunca” (AZEVEDO, 1992, p. 77). Quando Ana Rosa entra em crise por saber que seu pai não aprovava seu casamento com Raimundo, o narrador fala que a “boa Mônica, ajoelhada aos pés dela”, a vigiava “com a docilidade de um cão” (AZEVEDO, 1992, p. 205). O narrador, assim, utiliza-se do adjetivo *cativa* e da frase *docilidade de um cão* para descrever a ex-escrava e termina por aproximá-la do estereótipo do *escravo fiel*, já encontrado na personagem de Pai Benedito n’*O Tronco do Ipê* (1969) e de Raimundo em *laiá Garcia* (1989).

Quanto ao estereótipo do *escravo Nobre*, o mestiço “embranquecido”, que possui atributos de “brancura” física e, por conseguinte, cultural, o narrador d’*O Mulato* descreve várias características deste mestiço, filho de um português branco com uma escrava negra. O narrador utiliza vários vocábulos para a descrição de Raimundo que se assemelham a esse estereótipo, encontrado, também, na personagem Isaura, em *A Escrava Isaura* (2004). Raimundo, fisicamente, era um “rapaz bem parecido” (AZEVEDO, 1992, p. 38), com vinte e seis anos e de grandes olhos azuis, que puxara do pai português. Tinha “cabelos muito pretos, lustrosos e crespos, tez morena e amulatada, *mas fina* [grifo meu]; dentes claros que reluziam sob a negrura do bigode; estatura alta e elegante” (AZEVEDO, 1992, p. 40). Quanto ao seu comportamento, estava muito longe de ser o do estereótipo do escravo imoral ou desprezível; pelo contrário, o narrador relata que ele tinha “os gestos bem educados, sóbrios, despidos de pretensão”, que “falava em voz baixa, distintamente, sem armar ao efeito e que se vestia “com seriedade e bom gosto” (AZEVEDO, 1992,

p. 40). Além de tudo, era um amante das artes, das ciências e da literatura. Um perfeito herói branco em tez *amulatada*.

Diante de todas essas características a ele imputadas e da força do preconceito racial da sociedade ludovicense, Raimundo questiona a sua formação: “mas do que servira então ter-se instruído e educado com tanto esmero? do que servira a sua conduta reta e a inteireza do seu caráter? (...) para que diabo tivera ele a pretensão de fazer de si um homem útil e sincero?” (AZEVEDO, 1992, p. 185). Entretanto, o narrador não esquece que aquele homem tão intelectual era um mestiço e que o “hibridismo daquela figura” mostrava como “a distinção e a fidalguia do porte harmonizavam caprichosamente com a rude e orgulhosa franqueza de um selvagem” (AZEVEDO, 1992, p. 78).

É como selvagem, portanto, que o herói deixa a trama do romance, já que não consegue vencer a luta pela sobrevivência porque é “tocaiado e morto a tiros pelo seu rival” (BROOKSHAW, 1983, p. 45), Luis Dias, um caixeiro português, “repugnante: magro e macilento, um tanto baixo, um tanto curvado” (...) com “um cheiro azedo de roupas sujas” (AZEVEDO, 1992, p. 185). Essa morte confirma, assim, a teoria de muitos cientistas e intelectuais da segunda metade do século XIX que, acreditando na hegemonia da raça branca e, conseqüentemente, na fraqueza da raça negra e de seus descendentes, quer negros ou mestiços, esperavam o triunfo da raça branca, pois “o homem branco está melhor equipado do que o mulato na luta pela sobrevivência porque possui as qualidades necessárias para viver sob a lei da selva” (BROOKSHAW, 1983, p. 45). E o narrador do romance aluisiano, mais uma vez, compactua com todas as teorias científicas da superioridade da raça branca, revelando que mesmo o *mulato* “embranquecido”, o estereótipo do *escravo nobre*, não consegue sobrepujar a força do elemento branco da sociedade. Ele confirma, dessa forma, a profecia de Silvio Romero de que “a forma branca vai prevalecendo e prevalecerá” (1980, p. 120).

O quadro a seguir apresenta o resumo das palavras e frases encontradas na fala do narrador que descrevem personagens do romance de forma semelhante à dos estereótipos classificados por Brookshaw (1983).

Estereótipos de Escravos	Palavras do Narrador que Ratificam os Estereótipos de Escravos em <i>O Mulato</i>
<i>Escravo Demônio</i>	<i>malfeitor</i>
<i>Escravo Desprezível</i>	<i>sujo, gorduroso, mal amanhado, mal lavado e feio</i>
<i>Escravo Imoral</i>	<i>sensual</i>
<i>Escravo Fiel</i>	<i>cativa, docilidade de um cão</i>
<i>Escravo Nobre</i>	<i>tez morena e amulatada, mas fina; rapaz bem parecido, estatura alta e elegante; gestos bem educados, sóbrios, despidos de pretensão; falava em voz baixa, distintamente</i>

Quadro 2: Palavras do Narrador que Ratificam os Estereótipos de Escravos em *O Mulato*

Julgo necessário comentar, ainda, que, na narrativa d'*O Mulato*, há uma visível comparação do negro com o animal. Como exemplo, destaco a descrição de Benedito, uma criança escrava do pai de Ana Rosa. O narrador declara que ele era “um pretinho seco, retinto, muito levado dos diabos”, que “(...) atravessou a sala com uma agilidade de macaco” (AZEVEDO, 1992, p. 63). Mikhail Bakhtin, autor da obra *Questões de Literatura e de Estética*, afirma que “uma linguagem particular no romance representa sempre um ponto de vista particular sobre o mundo, que aspira a uma significação social” (2002, p. 135). Dessa forma, o símile do escravo com o macaco não pode passar despercebido, já que essa linguagem encontra uma significação particular no mundo científico do século XIX. Cientistas como Nott (2005) e Agassiz (2000) acreditavam em uma semelhança marcada do cérebro do negro com o do orangotango, o que os levava a comparar traços físicos do negro com os do macaco. É por essa razão que a comparação feita pelo narrador da agilidade de Benedito com a de um macaco pode representar um ponto de vista particular do narrador em relação ao mundo científico de então, que procurava defender a teoria da inferioridade da raça negra cientificamente. Essa comparação, no entanto, não permanecia no mundo da ciência, já que, aspirando uma significação social, promovia o preconceito racial dos brancos em relação aos negros.

1.4. Algumas Considerações

Este capítulo teve por objetivo analisar a obra *O Mulato* e, em especial, a fala do seu narrador a fim descobrir possíveis traços de racismo na narrativa. Após um percurso pelas teorias científicas que defendiam a inferioridade física e moral da raça negra, percebi que elas eram encontradas na literatura oitocentista através da descrição estereotipada de escravos negros nas obras (BROOKSHAW, 1983). Dessa forma, busquei encontrar, na narrativa de *Memórias de Um sargento de Milícias*, *As Vítimas Algozes – Quadros da Escravidão*, *O Tronco do Ipê*, *A Escrava Isaura* e *Iaiá Garcia*, os seguintes tipos de escravo: *demônio*, *desprezível*, *imoral*, *fiel* e *nobre*.

Após uma amostragem de caracterizações estereotipadas de personagens nessas obras, foi possível fazer um levantamento, na fala do narrador d'*O Mulato*, de palavras por ele utilizadas, que se aproximam desses estereótipos. Ademais, foi necessário a menção da comparação feita pelo narrador entre o escravo Benedito e o macaco, que vai ao encontro das teorias defendidas por Nott (2005) e Agassiz (2000) da semelhança que acreditavam haver entre o negro e o orangotango. Além disso, percebi que, em um período histórico no qual se acreditava que a solução para a questão racial brasileira era o seu embranquecimento, a representação de um herói *mulato embranquecido* não podia ser irrelevante. Por um lado, esse herói denuncia o preconceito racial, pois, para a cidade de São Luis, um *mulato* inteligente e refinado era inferior a um branco, mesmo que repugnante e sem educação; por outro lado, porém, o fim trágico de Raimundo ratifica a teoria da curta vida dos híbridos, defendida por Nott (2005) e Romero (1980), já que, na luta pela sobrevivência, só o branco possui as qualidades necessárias para vencer sob a lei da selva (BROOKSHAW, 1983).

Finalmente, julgo importante ressaltar que a *minha* leitura da obra, ao compará-la com as teorias científicas racialistas aqui apresentadas, permite a conclusão de que o narrador, apesar de relatar uma trama denunciadora do racismo, deixou várias marcas subjacentes desse preconceito na sua fala, através de palavras e frases, de cunho preconceituoso, usadas para descrever várias personagens da trama; em suma, ele compactuou com a teoria racista da

inferioridade da raça negra através da representação estereotipada do elemento negro na narrativa e da descrição do herói afro-descendente com características de heróis brancos.

Capítulo 2. A Voz do Narrador de *The House Behind the Cedars* de Charles Chesnutt e a Linha de Cor

Com o objetivo de analisar a voz do narrador de *The House Behind the Cedars* de Charles Chestnutt, por se tratar de uma obra pouco conhecida no Brasil, será necessário uma apresentação do autor e da trama do romance. Posteriormente, após uma visita à história da segregação dos Estados Unidos, objetivando entender a difícil questão da linha de cor (*color line*), ou seja, a linha imaginária, porém sustentada por leis, que separava brancos e negros na sociedade americana, será verificada a possível presença dos estereótipos de escravos (BROOKSHAW, 1983) na narrativa d'*A Cabana do Pai Tomás* (*Uncle Tom's Cabin*), publicada em 1852 por Harriet Beecher Stowe, obra de grande importância na literatura americana anterior à Guerra Civil, com repercussão internacional. Finalmente, buscarei averiguar, na obra chesnuttiana, se o narrador foi ou não conivente com todas as teorias racistas apresentadas no primeiro capítulo desta pesquisa.

2.1. Conhecendo Charles Waddell Chesnutt e *The House Behind the Cedars*

The House Behind the Cedars foi publicado em 1900, dezenove anos após a publicação d'*O Mulato*, por Charles Chesnutt, que nasceu em Ohio em 1858, mas tendo passado a sua infância e juventude na Carolina do Norte, estado que usa como palco da ficção em estudo nesta pesquisa. Era neto de Waddell Cade, fazendeiro branco dono de escravos e de sua amante negra, Ann Chesnutt, que se tornou a governanta (*housekeeper*) da casa grande (vide *Figura 2*). Para Bone (1965, p. 35), mesmo não tendo feito o ensino médio, Chesnutt era um autodidata que lia vorazmente obras que o interessavam e que, sozinho, aprendeu taquigrafia e, posteriormente, Direito. Foi, então, professor por nove anos; adquiriu, também, alguma experiência no ramo do jornalismo em Nova York e, finalmente, estabeleceu-se em Cleveland, sua cidade natal, onde trabalhou como taquígrafo em tribunais. Em 1887, passou no concurso da Ordem dos Advogados. Nesse mesmo ano, seu primeiro conto foi publicado e, em 1899, esse e outros contos foram editados numa coleção sob o título *The Conjure Woman*. Em 1899, ainda, publicou o livro *The Wife of His Youth and Other Stories of the Color Line*, outra coleção de contos.

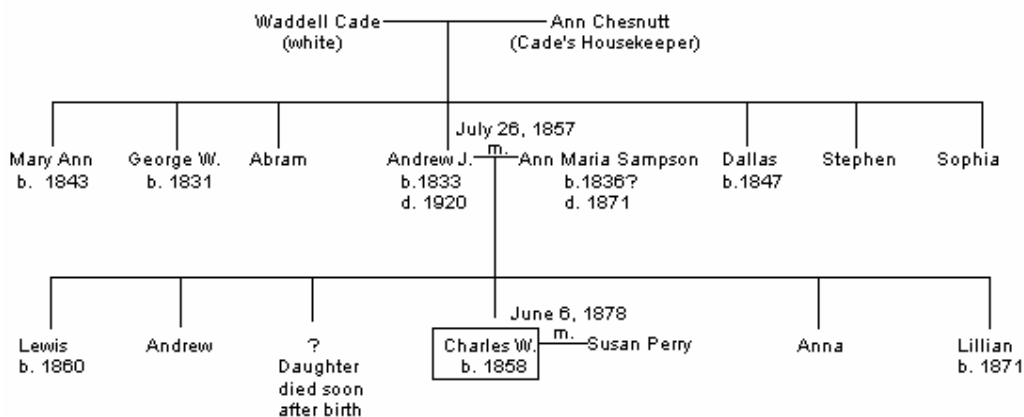


Figura 2: Árvore Genealógica de Chesnut (BROWNER, 2001)

De acordo com Kranz e Koslow (1999), *The Wife of His Youth and Other Stories of the Color Line* é uma coleção de contos que apresenta personagens mestiças e seus problemas provocados pelas duas raças. Por essa mesma razão, Bone (1965) já declarava que Chesnut era o contista afro-americano pioneiro em criar ficção que tratava do problema da *color line* (linha de cor, a linha imaginária que separa brancos de negros). O escritor afro-americano insistiu com seus editores em ter liberdade para contar histórias a respeito da *color line* sob o olhar original do afro-descendente.

Kranz e Koslow (1999) afirmam, ainda, que Chesnut é considerado o primeiro escritor profissional afro-americano. Claro que houve outros escritores afro-descendentes anteriores a ele; no entanto, ele foi o primeiro a assumir a posição efetiva de romancista e contista. Além disso, conforme Gates Jr. e McKay (1997, p. 522), Chesnut foi o primeiro escritor negro a lutar por suas publicações em uma indústria publicitária controlada por brancos, objetivando propagar mensagens de cunho social.

Encorajado pelo sucesso dos seus contos, Gates Jr. e McKay (1997) declaram que Chesnut dedicou-se totalmente à literatura e escreveu três romances: *The House Behind the Cedars* em 1900, *The Marrow of Tradition* em 1901 e *The Colonel's Dream* em 1905. Para os autores, viver somente da pena teve reflexos na vida de Chesnut: uma diminuição permanente do seu padrão de vida, forçando-o a

voltar ao seu trabalho de taquígrafo. Desse período até a sua morte em 1932, Chesnutt escreveu outro romance que não chegou a ser publicado.

The House Behind the Cedars é uma expansão do conto chesnuttiano intitulado *Rena Walden*, escrito uma década antes (BARKSDALE e KINNAMON, 1972). Rena é filha de Mis' Molly Walden, uma afro-descendente livre, filha de pais livres e legalmente casados. Mis' Walden teve dois filhos com um homem branco e rico, que lhe deu *a casa atrás dos cedros* para morar (*the house behind the cedars*). Seus dois filhos, John e Rowena (Rena), nasceram com uma tez muito clara, semelhante à de qualquer branco, na cidade de Patesville, na Carolina do Norte.

Aos dezoito anos de idade, John saiu de casa para tentar a sorte em outra cidade, onde ele não seria conhecido como afro-descendente. Foi a Clarence, na Carolina do Sul, adotou o sobrenome de Warwick, passou no exame da Ordem dos Advogados, casou-se com uma mulher rica e teve um filho. Pela morte da esposa, John sentiu a necessidade de trazer a sua irmã para o seu convívio. Ela passaria por branca, também, adotando o sobrenome de Warwick.

Em Clarence, Rena conheceu George Tryon, um grande amigo de John e apaixonou-se por ele. Os dois jovens apaixonados decidiram casar-se. Antes de a data ser definitivamente marcada, John e George precisaram fazer uma viagem de negócios. Nesse ínterim, Rena recebeu uma carta da mãe relatando estar doente. Rena decidiu, então, ir visitá-la. A viagem dos dois amigos terminou mais cedo e George resolveu ir a Patesville para tratar de uma questão de terras naquela cidade, sem saber que Rena se encontrava lá também, já que o passado da noiva lhe era desconhecido. Para Rena, falar do passado seria falar da sua ascendência negra e isso comprometeria não só o seu futuro, mas o do seu irmão e sobrinho.

A sorte não estava com o casal e, por acidente, em Patesville, George viu Rena saindo do consultório de um doutor e soube, através dele, que ela era mestiça. Ao reconhecer George de longe, Rena desmaiou. George não foi ao seu encontro, mas, ao contrário, sentiu-se traído e resolveu voltar a Clarence. Lá, escreveu a John, desmanchando o noivado e declarando que o segredo da sua ascendência estaria seguro com ele.

Rena viveu algumas semanas de grande abatimento; resolveu, depois, voltar-se para a sua comunidade, tornando-se professora. Convencida de que não era possível passar por branca, resolveu dedicar-se a um trabalho humanitário. Jeff Wain, primo de uma prima segunda de Mis' Molly, ofereceu a Rena um trabalho de professora no condado de Sampson. Em Sampson, ela conseguiu a licença e iniciou o seu ofício.

Enquanto trabalhava na escola, Rena morava na casa de Jeff Wain com a mãe deste. As intenções de Jeff eram as de conquistá-la e, com esse propósito, procurou beijá-la. Rena esquivou-se e passou a morar na casa de uns conhecidos. Nesse mesmo período, George visitou a sua mãe, que, coincidentemente, morava nas redondezas. George descobriu que sua ex-noiva era a professora da escola e lhe escreveu uma carta pedindo um encontro dos dois. Ela recusou tal encontro e passou a viver um conflito pessoal. Por um lado, Jeff a perseguia; por outro, George queria vê-la e isso só lhe traria mais desconforto, já que esse encontro não resolveria a situação entre os dois, visto que George não a queria como esposa.

Todas as vezes que Rena terminava a sua aula, ela retornava à casa acompanhada de um dos seus pupilos. George conseguiu subornar uma das crianças para promover o encontro entre eles. Certa vez, quando Rena e o aluno Plato chegaram a uma bifurcação no caminho, Rena notou que a criança desaparecera. Reconheceu, ainda, os rostos de Jeff e George, de longe, vindo em sua direção. Resolveu fugir. Correu mata a dentro e, depois de algum tempo, debaixo de uma forte chuva, ela caiu, ficando inconsciente. Rena foi, então, encontrada e levada à casa dos amigos que a hospedavam. No entanto, estava mais doente do que imaginavam. À noite, enquanto todos dormiam, ela fugiu de casa. Nova busca foi feita, sem sucesso. Frank Fowler, amigo e vizinho de Mis' Molly, depois de descobrir que Jeff tinha um mau caráter, decidiu ir em direção ao condado de Sampson, a fim de proteger a mulher que ele mais amava no mundo, Rena. No caminho para a cidade, ele encontrou Rena, prostrada na estrada, com seu vestido rasgado e descalça. Ela delirava. Frank a levou de volta para a casa de Mis' Molly Walden em Patesville. Rena, porém, não conseguiu sarar do seu mal. Falou com Frank, declarando que fora ele quem mais a amara e morreu.

Essa é a trama narrada em *The House Behind the Cedars*. Entretanto, para que entendamos melhor a linha de cor e o conflito racial representados nessa obra sob o ângulo de visão da família Walden, apontarei, em primeiro lugar, alguns fatos relacionados a essa conflito dentro do contexto da história dos Estados Unidos. Ademais, buscarei mostrar essa segregação racial no romance *Uncle Tom's Cabin* (A Cabana do Pai Tomás) de Harriet Beecher Stowe, publicado em 1852, para que se entenda melhor essa linha de cor; finalmente, passarei à análise da obra chesnuttiana, objetivando, também, observar a posição do narrador diante do tema da segregação.

2.2. A Linha de Cor em *Uncle Tom's Cabin* (A Cabana do Pai Tomás) de Harriet Stowe

Antes do levantamento de pontos importantes na obra *A Cabana do Pai Tomás*, de Harriet Beecher Stowe, é necessário entender a significação dessa linha de cor (*color line*) na história americana, visando a uma melhor compreensão da segregação racial representada tanto n'*A Cabana do Pai Tomás*, quanto, posteriormente, em *The House Behind the Cedars*.

De acordo com a biblioteca *online Answers.com* (1999), a linha de cor é uma barreira criada por leis, costumes ou diferenças econômicas que separa pessoas brancas das não brancas. Para Sweet (2005a), Ph.D. em *História do Racialismo Americano*, essa barreira de separação racial tão nítida na segunda metade do século XIX iniciou-se em 1691, quando a então colônia britânica da Virgínia aprovou e pôs em vigor uma lei que proibia o casamento voluntário entre pessoas brancas livres e afro-descendentes livres. As punições para esse crime iam desde a expulsão dos casais inter-raciais da colônia até a morte por tortura. Os ministros puritanos tinham de divulgar tais decretos que proibiam o casamento inter-racial, referindo-se, então, aos negros como elementos de uma raça desumana. Mas quem era considerado negro? Conforme Sweet (2005a), ainda, a colônia da Virgínia, em 1705, aprovou a primeira lei que usava a fração de um oitavo ($\frac{1}{8}$) de sangue negro como regra para a determinação da espécie sangüínea individual; em outras palavras, uma pessoa seria considerada negra se um ou mais dos seus bisavós pertencessem ao lado negro da linha de cor. Em *The House Behind the Cedars*, a menção a essa

regra é encontrada em um diálogo entre o Juiz Straight e John, irmão de Rena. O Juiz lhe informa que a lei de um oitavo era mais rígida na Carolina do Norte do que na Carolina do Sul, estado no qual o rapaz vai, posteriormente, morar, passando por branco.

Com essa regra, conforme Banton (1967), qualquer pessoa deveria pertencer a um dos lados dessa linha separadora, independentemente de ser livre ou escrava, mesmo quando, aparentemente, poderia ser considerada branca. E diante dessa possibilidade de alguém passar por branco, foi estabelecida, entre os anos de 1830 e 1840, a regra chamada *one-drop* (uma gota) (SWEET, 2005b). Essa regra afirma que pessoas, mesmo sem sinais visíveis de características físicas africanas ou o tom de pele negro, são classificadas como membros do grupo endogâmico negro se tiverem, pelo menos, uma gota de sangue africano nas veias. São, dessa forma, considerados incompatíveis a um casamento inter-racial devido à quantidade imensurável (uma gota) de linhagem africana (SWEET, 2005b). A regra *one-drop*, em *The House Behind the Cedars*, é mencionada no diálogo referido anteriormente, entre o Juiz Straight e John, no qual o juiz declara que “uma gota de sangue negro torna todo o homem negro”¹ (CHESNUTT, 1993, p. 113).

A decisão quanto à negritude de uma pessoa estava estabelecida. No entanto, pertencer a um ou outro lado da *color line* determinaria a condição de superioridade ou inferioridade da sua raça. Como visto no primeiro capítulo deste trabalho, as teorias racistas de Nott (2005), por exemplo, declaravam que o negro era inferior física e moralmente ao branco; conseqüentemente, códigos de conduta deveriam ser estabelecidos aos escravos e, posteriormente, aos negros livres para que eles “ficassem no seu lugar”, separados não só através do casamento inter-racial, mas em todos os aspectos da vida do escravo (FRANKLIN, 1966). Esses códigos de conduta foram chamados de *Black Codes* (Códigos para os Negros).

¹ “one drop of black blood makes the whole man black”.

Para Franklin (1966), apesar de os *Black Codes* ou *Slave Codes* (Códigos para os Escravos) terem variantes de estado para estado, o ponto central entre eles era o princípio de que os escravos não eram pessoas, mas propriedades. Dessa forma, as leis deviam tanto proteger os seus donos contra qualquer tipo de perigo que pudesse resultar com a presença de um número grande de negros quanto manter a posição de subordinação dos escravos para que a disciplina e o trabalho fossem otimizados.

Banton (1967) afirma que, sob o regime da escravidão, os brancos tiveram a permissão de explorar seus escravos como bem lhes aprouvesse, conquanto não perturbassem o sistema social já estabelecido. No Sul dos Estados Unidos, portanto, a maioria dos escravos passava a quase totalidade do seu tempo nas plantações, sem ter, praticamente, nenhum contato com a população branca. Essa era a linha de cor em ação no tempo da escravatura.

Seria possível imaginar, no entanto, que, com a abolição da escravidão negra nos Estados Unidos, os *Black Codes* fossem abolidos também. Entretanto, como afirma Pacheco (1983), a terminação oficial da escravidão em 1865, com o fim da Guerra Civil Americana, “não significou o fim dos preconceitos racistas dos brancos com relação aos negros” (p. 48). Entre 1865 a 1877, período conhecido como Reconstrução, o governo federal até interveio para conceder, aos negros, direitos civis e políticos, como o direito de votar e de desempenhar alguns cargos públicos; entretanto, nos anos posteriores a esse período, os negros “foram perdendo continuamente os seus direitos, de maneira que se lhes tornava cada vez mais difícil poder votar” (PACHECO, 1983, p. 50). Essa perda de direitos (*disfranchisement*) e a extensão de uma segregação legalizada levou à chamada era do *Jim Crow*, ou o *Jim Crowismo*: “os estados do Sul sancionaram uma série de estatutos que contribuíram para a segregação entre negros e brancos em esferas como educação, transporte, casamento e lazer” (CASHMORE, 2000, p. 285).

O Dr. Ronald Davis ([2002]), em seu ensaio *Creating Jim Crow: In-Depth Essay*, declara que o termo *Jim Crow* provavelmente surgiu na década de 1830, quando o artista Thomas Rice pintava o seu rosto de preto, dançava e cantava a música *Jump Jim Crow*.

Ouçam todos vocês, moças e rapazes
 Eu vou cantar uma pequena canção
 Meu nome é Jim Crow
 Gire, rode e faça isso²
 Toda³ vez que eu giro, eu pulo *Jim Crow*⁴

A *Figura 3* mostra a imagem do *Jim Crow*. Tanto a imagem quanto a canção ridicularizavam “os negros, retratando-os como idiotas engraçados, congenitamente preguiçosos, mas com uma aura de felicidade infantil” (CASHMORE, 2000, p. 284).



Figura 3: Jim Crow (DAVIS, [2002])

2 A palavra *isso* (*this*) é soletrada *jis* /dʒɪs/, mostrando a maneira errônea de o negro pronunciá-la.

3 Na palavra *toda* (*every*), a letra 'v' é trocada pela letra 'b', mostrando, novamente, a maneira errônea do negro pronunciar a palavra.

4 *Come listen all you galls and boys,
 I'm going to sing a little song,
 My name is Jim Crow.
 Weel about and turn about and do jis so,
 Eb'ry time I weel about I jump Jim Crow*

Pilgrim (2000a), no artigo *Who was Jim Crow?*, publicado no *Jim Crow Museum*, afirma, ainda, que o termo Jim Crow se tornou, também, uma palavra depreciadora do negro, como *darkie* (escurinho) e, até mesmo, *nigger* (termo pejorativo em relação aos negros, desde a época da escravidão, diferenciando-se de *Negro*, que não possui essa carga negativa). Já em seu artigo *What was Jim Crow?*, Pilgrim (2002b) assera que o termo passou não só a representar a legislação que levava à prática da segregação entre brancos e negros, fortificando, assim, a linha de cor, mas a ser, também, um meio de vida baseado na premissa de que os brancos eram superiores aos negros em inteligência, moralidade e comportamento civilizado.

Os *Black Codes* foram, então, ratificados. O *Jim Crowismo* passou a corresponder a todo e qualquer tipo de separação entre as raças branca e negra. Havia, portanto, “escolas para brancos e escolas para negros; chafarizes para brancos e chafarizes para negros, bíblias para o juramento dos brancos e bíblias para o juramento dos negros” (PACHECO, 1983, p. 51). Os negros passaram a ser banidos dos hotéis, barbearias, restaurantes e teatros brancos (FRANKLIN, 1966). Algumas cidades pequenas do sul dos Estados Unidos excluíram completamente os residentes negros; outras, confinaram-nos a distritos específicos (BANTON, 1967), que se apresentavam “em geral com ruas sem calçamento e iluminação” (PACHECO, 1983, p. 51). Em *The House Behind the Cedars*, o narrador declara, por exemplo, que a família Walden morava em uma parte obscura da cidade de Patesville, no “distrito sórdido da parte inferior da cidade”⁵ (CHESNUTT, 1993, p. 98).

Para Woodward (1974), poucas seções do código de segregação escaparam ao ataque, já que o sistema *Jim Crow* foi adotado em trens, ônibus e outros meios de transporte; em restaurantes, teatros e hospitais; em *playgrounds*, parques públicos, piscinas públicas e quadras de esportes. Nos transportes, por exemplo, eles eram ou totalmente excluídos ou designados a seções especiais para os negros; nos teatros, quando lhes era permitida a entrada, ficavam reclusos aos

⁵ “sordid district in the lower part of the town”

cantos remotos do recinto; na maioria dos hotéis e dos restaurantes, era-lhes proibida a entrada, exceto como funcionários. Eles rezavam em bancos reservados para negros nas igrejas freqüentadas por brancos e, ao participarem da Santa Ceia, tinham de esperar todos os brancos serem servidos do pão e do vinho. Eram, assim, muitas vezes, “educados em escolas segregadas, punidos em prisões segregadas, amamentados em hospitais segregados e enterrados em cemitérios segregados”⁶ (WOODWARD, 1974, p. 19).

A total segregação racial foi declarada quando a Corte Suprema americana decidiu o caso *Plessy v. Ferguson* (JONES, 1973). Cozzens (1999) relata que esse foi o caso de um sapateiro negro de trinta anos de idade, preso por estar em um assento vago no carro destinado aos brancos da ferrovia *East Louisiana*. Plessy argumentou que a separação de carros violava a constituição americana. O Juiz John Howard Ferguson considerou Plessy culpado por não deixar o carro “branco” do trem. Plessy apelou à Suprema Corte americana, mas foi considerado culpado novamente. A Suprema Corte declarou que carros separados para brancos e negros era constitucional, conquanto eles fossem iguais. A frase *separados mas iguais* tornou-se um marco do *Jim Crowismo*, já que a Suprema Corte americana “colocou seu selo de aprovação na segregação legalizada”⁷ (FREDRIKSON, 1971, p. 275).

As leis do *Jim Crow* não deixaram a questão do casamento inter-racial de lado. De acordo com Falck ([2002]), pelo menos cento e vinte e sete leis proibindo o casamento entre pessoas de raças diferentes foram aprovadas entre 1865 e 1954, ano em que a Corte Suprema americana formalmente tornou o *Jim crowismo* ilegal. Tanto os brancos quanto os negros que desobedecessem às leis contra a miscigenação podiam receber uma pena de até dez anos de prisão com trabalho forçado, em um número grande de estados americanos. Na Carolina do Norte e Carolina do Sul, estados nos quais ocorre a trama de *The House Behind the Cedars*, as leis contra o casamento inter-racial não eram menos severas. Na Carolina do Sul,

6 “educated in segregated schools, punished in segregated prisons, nursed in segregated hospitals, and buried in segregated cemeteries”.

7 “put its stamp of approval on legalized segregation”.

as leis proibiam o casamento entre um branco e um negro ou um *mulatto*, ou uma pessoa que tivesse um oitavo ou mais de sangue negro, prevendo uma multa de, no mínimo, quinhentos dólares ou encarceramento por não menos de doze meses, ou ambos. Os ministros religiosos que fizessem tais uniões matrimoniais poderiam sofrer as mesmas penalidades. Já na Carolina do Norte, em 1875, foi aprovada uma lei que proibia, para sempre, o casamento entre uma pessoa branca e uma pessoa negra ou entre uma pessoa branca e uma pessoa descendente de negros até a terceira geração. O romance chesnuttiano apresenta a força dessas leis segregacionistas quando o noivo de Rena, George Tryon, separa-se dela definitivamente, ao descobrir a sua ascendência africana. Rena, reconhecendo a posição que a sociedade lhe imputava, escreve ao ex-noivo, dizendo-lhe que

(...) aceita a classificação, embora incorreta, e as conseqüências, embora injustas, (...) que não nos permitem um encontro na mesma sala, na mesma igreja, à mesma mesa, ou em qualquer lugar em tratos sociais; em um barco a vapor, não nos sentaríamos à mesma mesa; não poderíamos andar juntos nas ruas, ou ter um encontro em público e conversar, sem receber um comentário rude ⁸ (CHESNUTT, 1993, p. 172).

Esse separatismo não parou aí, pois em uma sociedade na qual um grupo é considerado superior, normas de etiqueta são impostas aos membros do grupo considerado inferior (BANTON, 1967). Pilgrim (2000b) cita algumas dessas normas:

- um homem negro não podia cumprimentar um homem branco com aperto de mãos;
- um homem negro não podia acender um cigarro de uma mulher branca;
- os negros não podiam mostrar afeição entre si em público;
- os negros eram sempre apresentados aos brancos; nunca o inverso;

8 "(...)accept the classification, however unfair, and the consequences, however unjust, (...) that we cannot meet in the same parlor, in the same church, at the same table, or anywhere in social intercourse; upon a steamboat we would not sit at the same table; we could not walk together on the street, or meet publicly anywhere and converse, without unkind remark."

- se um negro estivesse em um carro dirigido por um branco, ele deveria, sempre, sentar no banco de trás; no caso de um caminhão, sempre na traseira;
- os motoristas brancos tinham sempre a preferencial ao dirigir;
- os negros eram sempre chamados pelo primeiro nome; os brancos nunca usavam qualquer título como Sr. ou Sra. ao se referir a qualquer um deles;
- os negros nunca podiam chamar os brancos pelo primeiro nome; teriam, portanto, sempre de usar um título como Sr., Sra., Capitão, Juiz, etc.

O uso de títulos ao falar a uma pessoa branca é notado, também, na obra *The House Behind the Cedars*: um dos alunos de Rena, uma criança ex-escrava do George Tryon, continua a chamar-lhe de *Mars Geo'ge*, mesmo já sendo livre.

As leis do *Jim Crow*, com suas normas de conduta, eram aplicadas a todos os negros, independentemente da sua situação financeira ou escolar. Woodward (1974) assera que elas não foram feitas apenas para os desordeiros, os bêbados, os rudes ou ignorantes; o *Jim Crowismo* defendia a idéia de que nenhum negro chegava a ser pelo menos igual a um branco por mais pobre ou insignificante que este fosse. Na obra de Chesnutt em estudo, essa idéia é discutida por três personagens brancas: o Juiz Straight, George e o Dr. Green, primo da mãe de George. A conclusão tirada pelo Dr. Green é de que “todos os negros são iguais”⁹ (CHESNUTT, 1993, p. 75). Sendo iguais, todos estavam sujeitos às punições da lei em caso de desobediência ou suposta infração. Havia, no entanto, dois meios de intimidá-los: pelos linchamentos e pela religião.

Para Cashmore (2000), a segregação *Jim crow* era do tipo *de jure*, ou seja, uma separação confirmada por lei. Se houvesse algum caso no qual não havia corroboração da lei, eram chamadas as forças da Ku Klux Klan, KKK, sociedade secreta formada em 1865, no final da Guerra Civil (vide Figura 4). Seu nome deriva do grego *Kuklos* – círculo, e do escocês *Klan* – clã, sendo, assim, um clã que se

9 “all negroes are alike”.

posicionava contrário aos direitos concedidos aos negros no período da Reconstrução. Acreditava-se que havia um plano divino para que os anglo-saxões protestantes brancos (*White Anglo-Saxon Protestant, WASP*) dominassem as outras raças. Para eles, esse plano foi “violado pela libertação dos escravos e pela crescente presença dos católicos” (p. 293). Os integrantes do KKK “costumavam usar mantos e capuzes brancos para aterrorizar os negros: havia linchamentos regulares, castrações e destruição de propriedades pertencentes a negros” (CASHMORE, 2000, p. 293).

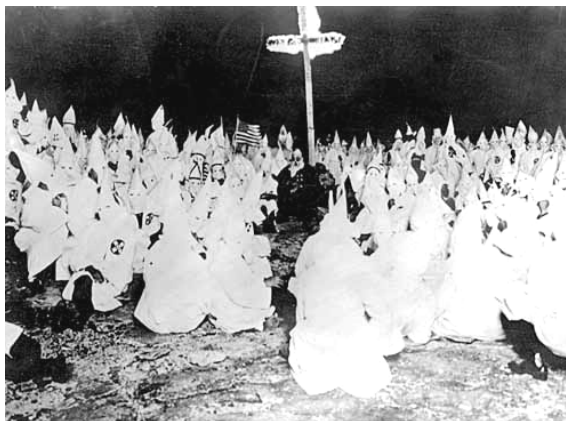


Figura 4: O Terror do KKK (DAVIS, [2002])

Banton (1967) afirma que os membros do KKK e de outras sociedades secretas açoitavam, intimidavam e matavam negros por ofensas reais, triviais ou imaginadas. Os negros acusados de crimes eram, portanto, arrancados das mãos das autoridades para ser enforcados, queimados vivos ou mortos por arma de fogo (FREDRICKSON, 1971). Os linchamentos eram, normalmente, justificados como uma resposta da sociedade branca contra os ataques de homens negros a mulheres brancas. De fato, muitos desses ataques não passavam de mentiras e as vítimas dos linchamentos eram, tipicamente, homens e mulheres negros politicamente ativos ou economicamente bem sucedidos. Outros eram circunstantes que estavam no lugar errado na hora errada (DAVIS, ([2002])).

Chesnutt apresenta o tema do linchamento no conto *The Sheriff's Children* (1998), publicado em 1899. O narrador relata a história de Tom, filho do Xerife do Condado de Benson. Tom fora preso por ter, supostamente, morto um homem branco, o Capitão Walker, que servira na Guerra Civil, tornando-se um herói de guerra. Por ter vendido Tom na infância, o Xerife não reconheceu o filho quando ele foi trazido para a prisão. Mesmo confessando não ser o autor do crime, Tom não recebe nenhum apoio do pai e, não vendo como obter a liberdade, já que os homens brancos do condado pediam o seu linchamento, o jovem decide suicidar-se. O fim trágico do conto denuncia a tragicidade do linchamento executado por sociedades secretas como o KKK.

Entretanto, além do linchamento, outro meio usado pelos brancos para coibir o negro de buscar os seus direitos previstos na Constituição, na 14^a e 15^a emendas, era a religião. Na *Constitution of the United States* (2007), verifica-se que a 14^a Emenda, confirmada em 1868, dava a todas as pessoas nascidas ou naturalizadas no país o direito de cidadão americano e que a 15^a Emenda, ratificada em 1870, previa o direito de voto a todos os americanos, independentemente de raça, cor ou condição anterior de escravo. No entanto, de acordo com a religião pregada aos negros, esses direitos terrenos tornavam-se ínfimos se comparados com as bênçãos celestiais que ela prometia a todo o negro que fosse submisso aos seus “superiores”, já que ele era admoestado a se preocupar “com as coisas do alto, (...) lá onde se encontra Cristo, sentado à direita de Deus, (...) não com as que estão sobre a terra” (Colossenses 3, v. 1, 2) ¹⁰.

10 A versão da Bíblia Sagrada utilizada nesta pesquisa é a TEB, *Tradução Ecumênica da Bíblia*. Na sua apresentação, lê-se que essa versão em língua portuguesa segue a edição francesa, a TOB, *Traduction Oecuménique de la Bible*, de 1989, não só nas Introduções e Notas, mas também no texto bíblico. Lê-se, ainda, que a equipe tradutora dos textos originais em hebraico, aramaico e grego era composta de estudiosos de diferentes religiões cristãs e da religião judaica. Não é a TEB, no entanto, uma mera tradução da TOB, pois foi cuidadosamente cotejada com os textos originais, podendo, assim, para os seus editores, ser considerada uma tradução dos originais.

Franklin (1966) declara que, mesmo durante a escravidão, o convite aos negros para participar da igreja dos seus donos brancos não surgiu de um altruísmo ou sentimento de irmandade; pelo contrário, ter os escravos na igreja era o meio pelo qual eles estariam, constantemente, cientes da sua localização. Para o autor, a igreja tornou-se, portanto, em uma agência de manutenção da instituição da escravidão, já que os seus ministros eram encorajados a ensinar os escravos a ter uma vida de submissão e subserviência. Utilizando-se da Bíblia, por exemplo, eles admoestavam os escravos a obedecer, em tudo, aos seus senhores, com singeleza de coração e em temor a Deus, fazendo o trabalho de boa vontade, para Ele, esperando, assim, receber, dEle, a recompensa ¹¹.

Para Franklin (1966), ainda, mesmo diante de senhores perversos, os escravos negros eram ensinados a suportar tudo com paciência e docilidade, assim como Cristo o fez. Usando a Bíblia, novamente, os senhores brancos exortavam os seus escravos a serem submissos, não só diante de senhores bons e cordatos, mas, também, dos perversos, já que eles, os escravos, deveriam suportar tristezas devido à sua consciência com Deus. Esse era, assim, o chamado de Deus para o escravo: sofrer como Cristo sofrera, seguindo o Seu exemplo ¹².

Diante desses argumentos usados pela religião, Pacheco (1983) declara que, para os brancos, os negros deveriam manifestar, inclusive, agradecimento aos seus senhores, ou seja, demonstrar “o seu reconhecimento pela oportunidade de poder usufruir os benefícios da escravidão numa terra civilizada” (p. 41). Banton (1967)

11 Colossenses 3: 22 – 24: “Escravos, obedeci em tudo aos vossos senhores deste mundo. Servi-os não porque sois vigiados, como se procurásseis agradar aos homens, mas com a simplicidade de coração dos que temem ao Senhor. Seja qual for o vosso trabalho, fazei-o de boa vontade, como para o Senhor, e não para os homens, cientes de que recebereis do Senhor a herança como recompensa”.

12 Primeira Epístola de Pedro 2: 18-21: “Servos, sede submissos com profundo temor aos vossos senhores, não somente aos bons e afáveis, mas também aos impertinentes. Pois é uma graça suportar, por respeito para com Deus, sofrimentos que se padecem injustamente. Ora, é para isto que fostes chamados, visto que também Cristo sofreu por vós, deixando-vos um exemplo, a fim de que sigais suas pegadas”.

adiciona que os brancos pregavam que os negros eram mais felizes naquela posição de escravidão e usavam tanto a ciência quanto a Bíblia para justificar o sistema.

O Doutor em Divindade, Rev. Fred A. Ross, em seu livro *Escravidão Ordenada por Deus (Slavery Ordained of God)*, publicado em 1857, reúne alguns artigos e cartas relacionados com o tema da escravidão. Para ele, apesar de a escravidão ser uma condição de degradação, ela não pode ser vista como pecado, já que não há lei bíblica que a condene. Cita, portanto, São Paulo, quando afirma que “onde não há lei, tampouco há transgressão” (Romanos 4, v. 15). Dessa forma, para ele, a relação senhor-escravo não é pecaminosa ¹³; pelo contrário, Deus deu ao senhor branco a “responsabilidade mais superior e mais nobre (...) de treinar milhões dos mais degradados em forma e intelecto (...) para dar-lhes civilização” ¹⁴ (ROSS, 2005, p. 18).

O Rev. Ross (2005) condena, portanto, a visão romântica do negro representada no romance *A Cabana do Pai Tomás*, de Harriet Beecher Stowe. Ele afirma que a obra, apesar de ser esplêndida na sua genialidade, era ruim na sua teologia, na sua moralidade e na sua má influência no norte dos Estados Unidos. Franklin (1966) declara que, quando a obra foi publicada em 1852, foram vendidas

13 A relação senhor-escravo é discutida de forma contrária à do Rev. Ross na *Tradução Ecumênica da Bíblia*. Na nota introdutória à *Epístola a Filêmon*, de São Paulo, os biblistas responsáveis pela TEB declaram que, nessa carta, Paulo roga a Filêmon por seu escravo Onésimo, que havia fugido da casa de seu senhor e, posteriormente, se convertido ao Cristianismo. São Paulo refere-se a ele como “meu filho, que gerei na prisão” (Filêmon, v. 10). Dessa forma, para os biblistas, apesar de o Apóstolo não contestar radicalmente a instituição da escravatura como tal, ao pedir que Filêmon recebesse Onésimo “não mais como escravo, e sim, como bem mais do que escravo: como irmão bem amado (Filêmon, v. 16), ele despedaçou essa relação senhor-escravo e a reconstituiu num plano bem diferente: “Onésimo será considerado, não só como um ser igual, um outro membro da igreja, mas será membro da família de Filêmon, será integralmente irmão” (TRADUÇÃO ECUMÊNICA DA BÍBLIA, 1994, p. 2.338). Eles concluem, assim, que “implicitamente, o Evangelho põe em questão o próprio estatuto da escravatura” (TRADUÇÃO ECUMÊNICA DA BÍBLIA, 1994, p. 2.339).

14 “the highest and the noblest responsibility (...) to train millions of the most degraded in form and intellect (...) to give them civilization”

mais de trezentas mil cópias naquele primeiro ano de publicação e foi, inclusive, dramatizada em vários teatros no norte do país. Era essa, portanto, a má influência referida por Rev. Ross, já que, através da obra, Franklin (1966) afirma que o movimento abolicionista ganhou inúmeros adeptos e “manteve os líderes sulistas ocupados ao negar a verdade do romance” (p. 267) ¹⁵. Para Ross (2005), “a impressão deixada pelo livro é uma falsidade” (p. 5) ¹⁶.

Mas que verdade ou falsidade é essa a qual os autores se referem? A *Cabana do Pai Tomás* relata a trama do escravo Tomás, que é vendido por seu senhor, Mr. Shelby, para que esse pagasse suas dívidas. Após ser escravo de um senhor bom, o Sr. St. Clare, Tom cai nas mãos de Legree e, sob sua égide, é morto por açoites. A trama do romance traz à tona a vida precária dos escravos no sul dos Estados Unidos; entretanto, ela faz, também, uma representação estereotipada do escravo negro através da personagem Tomás.

Conforme Fredrickson (1971), o Pai Tomás não representa o verdadeiro escravo, mas o estereótipo do escravo fiel, cuja gentileza e facilidade de perdoar o tornam como uma criança. Aliás, o próprio narrador do romance afirma que “não adianta fingir estar com raiva de um negro ou de uma criança; ambos vêem, instintivamente, o estado real das coisas” ¹⁷ (STOWE, 1965, p. 76). Ademais, para o narrador, é necessário saber que todas as afeições instintivas da raça negra são fortes e que o negro, naturalmente, é paciente, tímido e heroicamente corajoso.

Há um teor religioso na narrativa, que é confirmado pelas várias referências a eventos e citações bíblicos. O narrador declara, por exemplo, que St. Clare tinha total confiança em Tomás com relação a dinheiro, o que poderia ser uma tentação

15 “left Southern leaders busy denying the truth of the novel”

16 “the impression made by the book is a falsehood”

17 “there is no more use in making believe be angry with a negro than with a child; both instinctively see the true state of the case”.

para o escravo. Entretanto, sendo possuidor de uma simplicidade natural, que era fortificada por sua fé cristã, o escravo em tudo se comparava com o José bíblico, que fora vendido pelos irmãos para ser escravo no Egito.

Fredrickson (1971) declara, entretanto, que essa visão romântica do negro é racista, pois ela se identifica com o estereótipo do *escravo fiel*, já comentado no Capítulo 1 deste trabalho. O *escravo fiel*, para Brookshaw (1983), é aquele com uma índole humilde e resignada cuja fidelidade é comparada à do cão, e a passividade, à do burro de carga. Esse exemplo de escravo foi encontrado na literatura brasileira nas representações do Pai Benedito, em *O Tronco do Ipê* (1969), de Raimundo, em *Iaiá Garcia* (1989) e de Mônica, n' *O Mulato* (1992). Agora, na literatura americana, destaca-se o Pai Tomás, que, na narrativa, expressa adoração ao elemento branco. Na fala do narrador, por exemplo, são encontrados o verbo adorar (*worship*) e o substantivo adoração (*adoration*) quando ele relata o amor de Tomás por St. Claire e sua filha, Eva. Tomás a considerava “algo frágil e terreno e quase a adorava como algo celeste e divino” (STOWE, 1965, p. 260) ¹⁸. Ainda, diante do próprio St. Clare, seu proprietário, ao conversarem sobre a ressurreição do Lázaro bíblico, o narrador relata que Tomás “ajoelhou-se diante dele, com mãos apertadas e com uma expressão absorta de amor, confiança, adoração, na sua face tranqüila” (STOWE, 1965, p. 304) ¹⁹.

A linha de cor na obra de Stowe (1965) fica, portanto, bem delimitada quando o narrador, buscando combater essa segregação e o crime da escravidão, ao exaltar a raça negra, ratifica, de forma condescendente, a visão preconceituosa da inferioridade do negro, já que ele é representado como um elemento passivo e subserviente ao seu senhor. O negro é, mais uma vez, colocado em “seu lugar”.

18 “something frail and earthly, yet almost worshipped her as something heavenly and divine”

19 “knelt before him, with clasped hands, and with an absorbed expression of love, trust, adoration, on his quiet face”

2.3. A Linha de Cor em *The House Behind the Cedars* de Charles Chesnutt

A trama de *The House Behind the Cedars* acontece na pequena cidade de Patesville, na Carolina do Norte, poucos anos após a Guerra Civil americana. Como visto anteriormente, com a Guerra Civil veio a abolição da escravatura nos Estados Unidos, mas não o fim da segregação, que, além de ser *de facto*, tornou-se, também, *de jure*, através das leis do *Jim Crowismo*. É, portanto, dentro desse contexto de segregação racial, que a fala do narrador em *The House Behind the Cedars* será investigada.

Mikhail Bakhtin (2002) declara que, quando é lido o relato de um narrador, há, por trás desse, um segundo relato, “o relato do autor sobre o que narra o narrador, e, além disso, sobre o próprio narrador” (p. 118). Ele acrescenta, ainda, que “o sujeito que fala no romance é sempre, em certo grau, um *ideólogo* [grifo do autor] e suas palavras são sempre um *ideologema* [grifo do autor]” (p. 135). Irene Machado, em sua obra *O Romance e a Voz* (1995), explica que um ideologema é “um ponto de vista particular sobre o mundo” (p. 59).

Dessa forma, quando se lê a declaração do narrador do romance chesnuttiano de que “há profundidades de fidelidade e devoção no coração do negro, que nunca foram sondados ou completamente apreciados” (CHESNUTT, 1993, p. 117)²⁰, é necessário ponderar sobre o ponto de vista particular desse narrador sobre o mundo do negro. Até esse momento, pode-se perceber que o uso dos substantivos *fidelidade* e *devoção* o aproximam do estereótipo do escravo fiel.

Qual é, portanto, o mundo do romance *The House Behind the Cedars*? Como até agora procurei mostrar, o mundo representado no romance chesnuttiano é o da segregação *de jure*, o do *Jim Crowismo*, no qual a própria heroína Rena tinha de permanecer atrás dos cedros, ou seja, na parte segregada da cidade de Patesville, reservada aos africanos e seus descendentes. Quisesse ela pertencer ao “mundo dos brancos”, teria de atravessar a linha de cor, passando por branca.

²⁰ “there are depths of fidelity and devotion in the negro heart that have never been fathomed or fully appreciated.”

E qual era a visão particular do narrador em relação ao mundo da nossa heroína? Não muito promissora, pois, de acordo com sua própria fala, “as mulheres na casa atrás dos cedros, que, enquanto superiores em sangue e educação às pessoas da vizinhança na qual viviam, estavam, entretanto, sob a sombra de alguma nuvem que claramente as excluía da sociedade superior da cidade” ²¹. A frase *superiores em sangue* refere-se ao fato de que, tanto a mãe de Rena, Mis’ Molly, quanto os seus filhos, Rena e John, tinham sangue branco em suas veias. A mãe, assim afirma o narrador, tinha a tez clara, com a cor de um marfim já velho, mas era “suficientemente diferenciada quando descrita como uma mulata clara” ²² (CHESNUTT, 1993, p. 104). Para o narrador, ainda, apesar de ter traços aborígenes e negros, ela tinha “sangue branco predominando muito visivelmente sobre ambos” ²³ (CHESNUTT, 1993, p. 104).

Quanto à segunda mulher da família, Rena, o narrador a descreve como uma mulher alta, com tez cor de marfim, cabelos castanhos ondulados e olhos impenetráveis. Essa tez advém, também, do fato de Rena ter tido um pai branco, cujo nome não se encontra na narrativa. Tanto seu nome quanto a vida que ele tinha com Mis’ Molly estavam escondidos atrás dos cedros.

Essa superioridade pregada pelo narrador foi transmitida à personagem Mis’ Molly. De acordo com a sua própria fala, o narrador afirma que Mis’ Molly se sentia “infinitamente superior a Pedro e sua esposa” (CHESNUTT, 1993, p. 116) ²⁴. Pedro é o pai de Frank, um “jovem de tez castanha-escura, pequeno em estatura, mas com (...) características indicativas de bondade, inteligência, humor e imaginação” ²⁵ (CHESNUTT, 1993, p. 25). A mãe de Rena acreditava, tal qual o narrador, que, por

21 “the women in the house behind the cedars, who, while superior in blood and breeding to the people of the neighborhood in which they lived, were yet under the shadow of some cloud which clearly shut them out from the better society of the town.”

22 “sufficiently differentiated when described as a bright mulatto”

23 “white blood very visibly predominating over both”

24 “infinitely superior to Peter and his wife”

25 “a dark-brown young man, small in stature, but with (...) features indicative of kindness, intelligence, humor, and imagination”

possuir sangue branco nas veias, era superior aos seus vizinhos negros. Ela, por exemplo, jamais conseguiria ver sua filha casada com Frank, mesmo sabendo da devoção do rapaz por Rena. “A idéia de sua filha bonita (...) com Frank, em uma carruagem (...), pareceu a Mis’ Molly como o máximo do ridículo. (...) É claro que um negro dirigiria a carruagem, mas isso era diferente de estar dentro de uma” (CHESNUTT, 1993, p. 27) ²⁶.

A frase “superiores em sangue” encontrada na fala do narrador, em referência aos negros mestiços, encontra-se, portanto, comprometida com as teorias racistas que pregavam a inferioridade da raça negra, conforme expostas por Nott (2005) e Agassiz (2006) na segunda metade do século XIX. Apesar de as regras de $\frac{1}{8}$ e de *uma gota* determinarem que qualquer descendente de africano seria caracterizado como negro pela sociedade americana, tanto o narrador quanto as personagens “embranquecidas” que ele descreve acreditam que descendentes de africanos, por terem sangue branco nas veias, são superiores a outros afro-descendentes. Era, portanto, a hierarquia preconceituosa presente na parte negra da linha de cor. Enquanto os brancos os consideravam inferiores, as próprias personagens negras “embranquecidas” sentiam-se superiores aos outros negros, devido à porção de sangue branco que tinham. Fanon (1967, p. 54) afirma que a mulher negra tinha, assim, apenas um objetivo: tornar-se branca; a mestiça, por outro lado, não queria apenas tornar-se mais branca; queria, também, não voltar a “escurecer”. E o narrador corroborava esse *ideologema*.

Diante dessa insatisfação de sentir-se superior na parte inferior da cidade, a linha de cor representada na obra em análise torna-se mais evidente. Rena decide, então, passar por branca, assim como o seu irmão John fez. É, novamente, a aspiração ao mundo do branco que fica evidenciada nessa parte da trama. Ela vai, então, morar na Carolina do Sul, na casa de John, e passa a utilizar Warwick como

26 “The idea of her beautiful daughter (...) with Frank, in a cart, struck Mis’ Molly as the height of the ridiculous. (...) Of course a negro would drive the carriage, but that was different from riding with one in a cart”

sobrenome. “Daqui por diante, ela deve ser conhecida como Miss Warwick, deixando o velho nome com a velha vida” ²⁷ (CHESSNUT, 1993, p. 29). Além de já ter o prenome idêntico ao da personagem Lady Rowena em Ivanhoé, do Sir Walter Scott, cujas características, conforme Philips (2007), são as de branca, casta, virtuosa e leal, ela passa a usar o sobrenome do Conde Warwick, cujo castelo está no condado de Warwickshire, na Inglaterra. Dessa forma, além de aludir à Lady Rowena, Rena passava a ter um sobrenome nobre para todos aqueles que a viessem conhecer.

Irene Machado afirma que, em uma enunciação, “o não-dito é também comunicação”, pois ela se refere “a tudo que contribui para sua apreensão” (1995, p. 70). Com a escolha do nome da heroína de Rowena, é percebido que a heroína embranquecida buscava uma elevação em comparação aos seus amigos negros. Agora, ao passar por branca, adotando o sobrenome de um conde inglês, ela, sem nada dizer, declarava a todos que possuía todos os atributos físicos e morais de qualquer branco, tornando-se, assim, superior à comunidade atrás dos cedros. E o narrador, ao considerar a família Walden superior dos outros negros, ratifica a teoria científica da suposta superioridade da raça branca. É, novamente, a aparição do estereótipo do *escravo nobre*, que, de acordo com a taxonomia de Brookshaw (1983), representa o mestiço “embranquecido”, que possui atributos de “brancura” física e moral.

O narrador declara que havia em Rena um ar de refinamento conseqüente não só de uma boa índole, mas do contato com pessoas cultas. Por ser amante de criaturas fracas, os animais domésticos sempre eram alimentados por ela e não havia “nenhum branco pobre e indolente, nenhum negro tolo ou faminto que tivesse saído da cozinha da Mis’ Molly sem ser alimentado, se Rena estivesse lá para ouvir o seu lamento” ²⁸ (CHESNUTT, 1993, p. 44). Ademais, “seus movimentos graciosos, sua elegância discreta com a qual ela vestia mesmo o vestido mais simples, a autoridade natural com a qual instruía os criados” eram, para seu irmão, John, “(...)

²⁷ “Henceforth she must be known as Miss Warwick, dropping the old name with the old life.”

²⁸ “no shiftless poor white, no half-witted or hungry negro, had ever gone unfed from Mis’ Molly’s kitchen door if Rena were there to hear his plaint.”

provas de qualidade superior”²⁹ (CHESNUTT, 1993, p. 44). Rena é, portanto, para o narrador, o exemplo do estereótipo do *escravo nobre*, já que, na sua fala, diz ser ela *superior em sangue e de qualidade superior*. É importante a lembrança de que esse estereótipo foi encontrado, também, na narrativa das obras brasileiras *A escrava Isaura*, de Manuel Antônio de Almeida (1997) e *O Mulato*, de Aluísio Azevedo (1992).

Apesar de explorar a comparação entre *O Mulato* e *The House Behind the Cedars* no terceiro capítulo desta dissertação, gostaria de elucidar que, semelhantemente à obra brasileira, a heroína da obra afro-americana tem, como fim, a morte. Foi verificado, no primeiro capítulo, que muitos cientistas e intelectuais, na segunda metade do século XIX, acreditavam na fraqueza da raça negra e, em especial, dos mestiços, porque “o homem branco está melhor equipado do que o mulato na luta pela sobrevivência porque possui as qualidades necessárias para viver sob a lei da selva” (BROOKSHAW, 1983, p. 45). Dessa forma, com a morte da heroína chesnuttiana, o narrador, quer de forma consciente ou não, defende a fraqueza da raça mestiça, mesmo quando seu espírito deixa o seu corpo de forma mística. O narrador relata que Mary B., prima de Mis’ Molly,

(...) escancarou uma janela para abrir caminho para o espírito que passava, e o esplendor vermelho e dourado do sol poente, triunfantemente terminando seu percurso do dia, inundou o estreito quarto com luz³⁰ (CHESNUTT, 1993, p. 1950)

O casamento entre Rena e George Tryon, seu noivo branco, seria proibido, na vida real, pelas leis *Jim Crow* e foi, também, impossibilitado na obra *The House Behind the Cedars*. Assim, verifica-se, na narrativa do romance, que, pouco antes da descoberta que George fizera acerca dos ancestrais africanos da sua noiva, ele lera um artigo de um escritor sulista, cujo nome não é revelado. Nele, há a declaração de

29 “her graceful movements, the quiet elegance with which she wore even the simplest gown, the easy authoritativeness with which she directed the servants (...) proofs of superior quality.”

30 “threw open a window to make way for the passing spirit, and the red and golden glory of the setting sun, triumphantly ending the daily course, flooded the narrow room with light”

que qualquer amalgamação entre o sangue negro e o branco seria uma impossibilidade, porque “o menor traço de sangue negro iria, inevitavelmente, reduzir a raça superior ao nível da inferior”³¹ (CHESNUTT, 1993, p. 71). Com a separação do casal, confirmou-se e reforçou-se a linha de cor, impedindo que, mesmo na ficção, o amor suplantasse as leis da instituição da segregação *de jure* e os escrúpulos de cor.

Quanto ao relacionamento de Mis' Molly com seu amante branco, a narrativa deixa poucas pistas para se fazer qualquer juízo de valor. Sabe-se, entretanto, que Mis' Molly se submeteu, por livre vontade, a ser amante do homem branco. De acordo com o narrador, após conhecê-lo, a mãe de Rena ganhou a casa atrás dos cedros, já que seu protetor era rico e liberal. Mis' Molly “adorava [grifo meu] o chão sobre o qual seu *senhor* [grifo meu] pisava, era humildemente grata por sua proteção e tão *fiel* [grifo meu] a ele quanto o voto do casamento proibido, possivelmente, lhe faria”³² (CHESNUTT, 1993, p. 105). As palavras destacadas *worship* (adorar, venerar), *lord* (senhor, soberano, amo) e *faithful* (fiel), na fala do narrador, aproximam Mis' Molly do estereótipo do *escravo fiel*, tornando-a semelhante ao Pai Benedito n' *O Tronco do Ipê* (1969), a Raimundo, em *Iaiá Garcia* (1989), a Mônica n' *O Mulato* (1992) e ao Pai Tomás em *Uncle Tom's Cabin* (1965). Essa passividade fatalista é confirmada pelo narrador de *The House Behind the Cedars*, ao afirmar que Rena, “de alguma fonte ancestral (...) tinha recebido uma tendência do *fatalismo passivo* [grifo meu] através do qual uma pessoa sozinha consegue submeter-se ao inevitável sem reclamação”³³ (CHESNUTT, 1993, p. 61).

A mãe de Rena adorava seu amante branco e Rena, almejando a vida do branco por se considerar superior aos da sua vizinhança, só via o seu futuro com George Tryon. Esse futuro lhe sendo negado, a morte lhe parece a única saída. Entretanto, a narrativa apresenta outro adorador. Esse é Frank, já apresentado

31 “the smallest trace of negro blood would inevitably drag down the superior race to the level of the inferior”

32 “worshipped the ground upon which her lord walked, was humbly grateful for his protection, and quite as faithful as the forbidden marriage vow could possibly have made her.”

33 “from some ancestral source (...) had derived a strain of the passive fatalism by which alone one can submit uncomplainingly to the inevitable”

anteriormente. Frank, filho de Peter, é vizinho da família Walden e carrega um profundo amor por Rena. Como visto, o narrador descreve essa personagem como possuidora de características positivas, como bondade, inteligência, humor e imaginação. Não era iletrado, porque era ele quem escrevia as cartas para Mis' Molly quando esta precisava. Apesar dessas qualidades, era negro e, para o próprio narrador, “ele estava desperdiçando seu tempo” ³⁴ (CHESNUTT, 1993, p. 26) por alimentar um tipo de esperança de vir a casar-se com a moça. O narrador, que o descreve como devoto fiel de Rena, declara que Frank tinha por ela um amor não egoísta. Entretanto,

(...) ele nunca falou de amor para ela (...); não haveria nenhuma barreira legal para o seu amor; não haveria nenhuma ameaça assustadora à supremacia branca no casamento de um negro e um oitavão ³⁵ (CHESNUTT, 1993, p. 117).

Por oitavão, o narrador refere-se à Rena, que possuía um oitavo de sangue negro (regra de $\frac{1}{8}$). Mesmo sabendo da devoção da moça pela raça branca, ele também lhe era devoto, pois “ele a amava, e iria zelar por ela e protegê-la, onde quer que ela estivesse” ³⁶ (CHESNUTT, 1993, p. 146). No evento do desaparecimento de Rena, ao ser encontrada por Frank, o narrador afirma que ele se ajoelhou ao seu lado, “seu coração fiel quebrado de compaixão, grandes lágrimas intactas descendo por sua face sombria” ³⁷ (CHESNUTT, 1993, p. 192). De fato, ele se colocaria “ao seu serviço – por um dia, uma semana, um mês, um ano, uma vida, se necessário” ³⁸ (CHESNUTT, 1993, p. 190). Por fim, antes da morte da heroína, o narrador descreve a figura de um adorador que entra no quarto do objeto da sua devoção, a negra embranquecida, reverentemente, e permanece ao seu lado, dizendo que teria morrido por ela, se necessário.

34 “he was wasting his time”

35 “(...) he never spoke to her of love; (...) there would have been no frightful menace to white supremacy in the marriage of the negro and the octoroon.”

36 “he loved her, and he would watch over her and protect her, wherever she might be”

37 “his faithful heart breaking with pity, great tears rolling untouched down his dusky cheeks”

38 “at her service – for a day, a week, a month, a year, a lifetime, if need be.”

O quadro a seguir apresenta o resumo das palavras e das frases encontradas na fala do narrador que descrevem personagens do romance de forma semelhante à dos estereótipos do *escravo nobre* e do *escravo fiel* (BROOKSHAW, 1983).

Estereótipos de Escravos	Palavras do Narrador que Ratificam os Estereótipos de Escravos em <i>The House Behind the Cedars</i>
<i>Escravo Fiel</i>	<i>fidelidade, devoção, adorava, senhor, fiel, fatalismo passivo</i>
<i>Escravo Nobre</i>	<i>superiores em sangue, qualidade superior, autoridade natural, movimentos graciosos, elegância discreta,</i>

Quadro 3: Palavras do Narrador que Ratificam os Estereótipos de Escravos em *The House Behind the Cedars*

Em suma, o narrador do romance chesnuttiano ratifica a teoria da superioridade da raça branca e os preconceitos dela decorrentes ao torná-la objeto da adoração do negro, fato já visto no romance *Uncle Tom's Cabin*. Agora, não só o negro adora o branco, mas passa, também, a venerar o próprio negro “embranquecido”.

2.4. Algumas Considerações

Este capítulo teve por objetivo analisar a fala do narrador da obra *The House Behind the Cedars* de Charles Chesnutt, a fim descobrir possíveis traços de racismo nas palavras usadas pelo narrador para descrever as personagens. Após um percurso pela história americana, a fim de entender a linha de cor representada no romance, foi possível perceber que não só o *Jim Crowismo* e as sociedades secretas como o *Ku Klux Klan*, mas os próprios religiosos inibiam a ascensão da raça negra ou da sua busca por direitos garantidos na 14^a e 15^a Emendas da Constituição Americana. Os negros eram convocados a uma vida de fatalismo passivo, representado no romance de Harriet Beecher Stowe, *a Casa do Pai Tomás*.

Em *The House Behind the Cedars*, foi possível verificar que o narrador, ao considerar a família Walden superior aos outros afro-descendentes, estava confirmando a teoria científica da superioridade da raça branca. Ademais, na sua fala, foram encontrados vários substantivos, adjetivos, verbos e frases que aproximam personagens negras dos estereótipos do *escravo nobre* e do *escravo fiel*.

Dessa forma, diante da análise feita, não posso deixar de concluir que o narrador de *The House Behind the Cedars*, semelhantemente ao d'*O Mulato*, apesar de contar uma trama que denuncia o preconceito racial e a linha de cor, tão bem delimitada na sociedade estadunidense, deixou vários índices, nas suas palavras, de seu próprio racismo. Assim, ele criou uma nova escala de superioridade, na qual o branco é superior ao *oitavão* e esse, por sua vez, é superior aos demais afro-descendentes.

Capítulo 3. Vozes em Paralelo Entre os Dois Romances

Este capítulo visa traçar paralelos entre *O Mulato* de Aluísio Azevedo e *The House Behind the Cedars* de Charles Chesnutt, o corpus desta pesquisa. Para fundamentar essa comparação, em primeiro lugar, será necessário investigar alguns conceitos da Literatura Comparada que nortearão a busca de traços comuns aos dois romances e das características individuais de cada obra em comparação.

3.1. Conhecendo Alguns Conceitos da Literatura Comparada

O Mulato, de Aluísio Azevedo, analisado no primeiro capítulo desta dissertação, e *The House Behind the Cedars*, de Charles Chesnutt, no segundo, apresentam traços bastante comuns em seus enredos, apesar de terem sido escritos em países geograficamente distantes. Essas semelhanças entre as obras são dignas de comparação; para compará-las, entretanto, necessário se faz encontrar conceitos da Literatura Comparada que nortearão essa investigação.

Cláudio Guillén declara que a Literatura Comparada é entendida como “certa tendência ou ramo da investigação literária que se dedica ao estudo sistemático de conjuntos supranacionais” (2001, p. 385). O termo *supranacional* é explicado por Helena Buescu (2001) como sendo uma gradual substituição da noção de internacionalidade, já que ele permite o entendimento de especificidades de uma determinada nação ou região. Pensando, portanto, na especificidade de cada literatura nacional, é possível afirmar que *O Mulato* e *The House Behind the Cedars* são romances análogos, conforme Brunel, Pichois e Rousseau (1990), já que, para os autores, a analogia, “supõe uma variedade na infra-estrutura – variedade provocada pelo temperamento nacional, pela língua, pela consciência de um passado histórico que pertence exclusivamente a tal país etc.” (p. 58). Os autores acreditam, ainda, que é possível explicar “fenômenos análogos sobrevivendo, no mesmo momento, em países diferentes, pelo efeito das estruturas sócio-econômicas comuns a esses países” (p. 58).

A analogia que é feita neste trabalho de pesquisa parte do fato histórico da escravidão e da segregação racial pertinentes tanto ao Brasil quanto aos Estados

Unidos. Não é possível, de forma alguma, buscar uma comunidade internacional para a literatura que se ocupa com a questão do racismo nas várias nações que tiveram o elemento negro participante da sua colonização, já que cada nação lidou com as teorias racistas de forma peculiar e específica. Entretanto, essas literaturas podem ser vistas como “conjuntos supranacionais de unidades históricas análogas, onde se produz uma interação permanente de tradições culturais e de convenções literárias”, passando, assim, a ser consideradas como *de fronteira* (CARVALHAL, 2003, p. 157), pois a idéia de fronteira “pode ser mais de natureza cultural do que realmente geográfica ou política” (CARVALHAL, 2003, p. 156).

Dessa forma, a análise d’*O Mulato* e de *The House Behind the Cedars*, literaturas de fronteira, deve ser feita através da relação de analogia que apresentam. Para Machado e Pageaux (1988), a Literatura Comparada não se baseia apenas na mera comparação entre duas literaturas, mas no relacionamento entre elas, pois o comparativista “elabora o seu trabalho freqüentemente a partir da literatura do seu próprio país, prolongando as suas reflexões e as suas pesquisas numa análise mais ou menos complexa de uma literatura estrangeira” (p. 141).

Essa comparação não deve, entretanto, permanecer na relação binária (literatura nacional – literatura estrangeira), mas tem de extrapolar esses limites, objetivando, também, uma reflexão pluridisciplinar com outros ramos das ciências humanas. Buescu (2001) declara que a Literatura Comparada lida com o “domínio cognitivo de cruzamento interdiscursivo, interdisciplinar e intersemiótico” (p. 93). E é nesse espaço intermediário, portanto, que ela trabalha, como declara Carvalhal (2003), “nos limites dos gêneros, nas margens dos textos, no espaço intervalar onde se concretiza o imaginário das zonas de contato, que facilitam o processo permanente de interação de elementos vários” (p. 159).

Relativamente aos outros ramos das ciências, Brunel, Pichois e Rousseau (1990) afirmam que a relação entre literatura e ciência é bastante estreita e ocasiona o uso de teorias e descobertas científicas “falsas ou verdadeiras, extravagantes ou plausíveis” nas obras literárias (p. 77). Diante desse fato, esta pesquisa utilizou-se de algumas teorias científicas do racismo defendidas por Agassiz (2000) e Nott

(2005) e valorizadas por grandes nomes nacionais, como Silva Romero (1980), Joaquim Nabuco (1883) e Nina Rodrigues (1988).

Além da ciência, encontra-se nesse espaço intervalar, também, a relação próxima entre a literatura e a religião. Brunel, Pichois e Rousseau (1990) afirmam que “antes de serem nacionais, as idéias religiosas são simplesmente humanas” (p. 76). Essa religiosidade, para os autores, corresponde a um determinado vocabulário, ou tom, ou forma de meditação, apresentados na literatura, que possui, muitas vezes, a Bíblia como fonte de inspiração. É mister mencionar que não houve neste trabalho de pesquisa uma preocupação com o tom anticlerical da obra aluisiana, mas com o uso da religião como forma de impor submissão ao negro americano, percebida na narrativa de *Uncle Tom's Cabin*.

Dessa forma, para Machado e Pageaux (1988), o grande desafio do comparativista é a reorganização, nesse espaço intervalar entre as literaturas de fronteira e as várias disciplinas das ciências humanas, do texto em estudo. Buescu (2001) afirma, assim, que “não é possível *ler e compreender* senão *comparativamente* [grifos do autor] (isto é, relacionalmente)” (p. 88). É por essa razão que a leitura realizada se torna bastante estrutural, sendo “uma exploração feita nas linguagens” (BRUNEL, PICHCHOIS, ROUSSEAU, 1990, p. 62), que ultrapassa a mera justaposição de literaturas a fim de descobrir um denominador comum.

Assim, para explorar os textos em relação, é necessário que o comparativista conheça, ainda, alguns conceitos e, entre eles, cito a influência e a intertextualidade, que Sandra Nitri (2000) declara ser fundamentais. A autora define influência como sendo o resultado artístico do conhecimento “direto ou indireto de uma fonte por um autor” (p. 127). Ela não é imitação, porque a imitação é localizada, reconhecida “por um simples cotejo de textos” (p. 128); a influência, entretanto, é “uma aquisição fundamental que modifica a própria personalidade artística do autor” (p. 127-128), tornando a sua obra diferente daquela que ele produziria se não houvesse lido um autor precedente com composição semelhante. Nesta pesquisa, esse conceito não será elaborado, já que não julgo haver, nas narrativas das obras que compõem o seu corpus, nenhuma indicação direta ou indireta de qualquer tipo de influência entre a obra brasileira e o romance americano.

Quanto ao segundo conceito, Nitrini (2000) assera que a intertextualidade é a assimilação de textos dentro de uma obra. Dessa forma, há três elementos que devem chamar a atenção do comparativista: “o intertexto (novo texto), o enunciado estranho que foi incorporado e o texto de onde este último foi extraído” (p. 164). O estudioso da Literatura Comparada deve analisar, por conseguinte, as semelhanças que há entre o enunciado estranho e o texto de onde ele foi tirado, bem como a maneira como o intertexto “absorveu o material do qual se apropriou” (p. 109). A intertextualidade vem, assim, quebrar a leitura linear de um texto, que muitas vezes é feita, pois cada enunciado incorporado oferece alternativas “que ampliam o seu espaço semântico” (p. 165). Novamente, julgo importante mencionar que esse conceito não será trabalhado neste capítulo, pois não creio haver nenhuma incorporação do texto aluisiano na obra chesnuttiana, mesmo tendo sido *O Mulato* publicado dezanove anos antes.

O conceito da Literatura Comparada do qual me ocuparei neste capítulo é o do tema. De acordo com Machado e Pageaux (1988), ainda, o tema é o elemento “constitutivo e explicativo do texto literário, elemento que ordena, gera e permite produzir o texto” (p. 116). Ele passa, assim, a ser “*mediador e fundador* [grifo dos autores]: mediador entre o homem e a sua cultura, fundador do texto, do qual constitui as estruturas profundas (relacionando assim o texto ao imaginário coletivo e/ou individual)” (MACHADO e PAGEAUX, 1988, p. 117).

Os temas universais sempre tornaram as literaturas supranacionais partes de uma mesma comunidade literária. Ao pensar em amor, morte, vida e guerra, por exemplo, várias obras literárias são elencadas, independentemente da nação geográfica na qual foram escritas. Carvalhal (2003) declara que a “identificação em textos distanciados no tempo e no espaço de uma mesma temática, de idênticos recursos de representação, de uma mesma tábua de valores” ajuda a compor “a comunidade interliterária” (p. 168-169). É, portanto, o tema da escravidão e da segregação racial que torna *O Mulato* e *The House Behind the Cedars*, escritos em países diferentes, apesar de coetâneos, participantes de uma mesma comunidade interliterária.

De forma alguma, Machado e Pageaux (1988) utilizam o estudo do tema como o único objeto de trabalho do comparativista. Eles acreditam que o investigador de duas obras em comparação é obrigado a fazer duas leituras simultâneas dos textos. A primeira leitura é feita no plano da representação literária, como sendo um universo próprio e coerentemente estruturado. A segunda leitura tem como objetivo fazer conexões entre o elemento estrutural com o cultural a que pertence o texto, passando, assim, de uma análise formalista ou estruturalista para uma análise extratextual, sem, contudo, haver exclusão de um ou outro. Machado e Pageaux (1988) assertam, dessa forma, que

o texto literário é o lugar dialético onde se articulam estruturas textuais e extra-textuais, participando o tema, justamente, das duas séries. O estudo temático revela, afinal, claramente, as duas faces indissociáveis da investigação literária: o estudo do funcionamento interno dum texto (dum tema num texto, a leitura para por em evidência, para reconstruir um conjunto de funções) e o estudo da função social e cultural desse mesmo texto (p. 120-121).

Diante disso, neste trabalho, o estudo do tema da segregação racial não permaneceu no campo extraliterário. Apesar da necessidade de investigar as teorias científicas do racismo, a história da segregação nos Estados Unidos e, também, o uso da religião como fator de intimidação e submissão imposta ao negro, foi dentro da estrutura das narrativas d'*O Mulato* e *The House Behind the Cedars* que foram procuradas evidências de racismo na fala do narrador. O tema uniu as duas obras, tornando-as parte da mesma comunidade interliterária, mas foi o tema, também, que conduziu a investigação da estrutura da narração.

3.2. Traços Comuns Inerentes às Obras

N'A *Poética Clássica*, Aristóteles declara que a obra do poeta “não consiste em contar o que aconteceu, mas sim coisas as quais podiam acontecer, possíveis no ponto de vista da verossimilhança ou da necessidade” (p. 28). Ele faz, então, um contraste entre a Literatura e a História, já que a primeira enuncia fatos gerais e a segunda relata fatos particulares.

O fato geral, ou o tema, retratado em *O Mulato* e *The House Behind the Cedars* é o racismo. Por ser ficção, a trama dos romances não aconteceu, de fato, mas poderia ter ocorrido, já que o autor/narrador utiliza até fatores extraliterários para criar um sentido de credibilidade à sua invenção. Entre os recursos usados nas obras, gostaria de destacar o espaço no qual os enredos se desenvolvem. Dessa forma, a criação de cidades preconceituosas nas quais as tramas aconteceram, além de tornar os enredos possíveis do ponto de vista da verossimilhança, constituiu-se o primeiro ponto de analogia entre as duas obras.

Para Massaud Moisés (1972), o romancista, em tese, “assenhoreia-se totalmente da geografia em que se passam os lances da história” que ele cria, mas, na prática, “vê-se limitado pela escolha do tema e do modo como o trata” (p. 193). Com o tema do racismo, a escolha das cidades nas quais as tramas acontecem é de suma importância. Tanto n’*O Mulato* quanto em *The House Behind the Cedars*, as cidades são descritas como pequenas, limitadas, pobres e cheias de preconceito de cor.

No romance brasileiro, a história do amor de Raimundo, homem mestiço, com Ana Rosa, sua prima branca, acontece no nordeste brasileiro, na cidade de São Luís. O reflexo desse relacionamento inter-racial é tão grande naquele espaço geográfico e o papel que ele tem dentro da trama é tão importante que Góes afirma ser “a sociedade maranhense daqueles tempos (...) o grande personagem” do romance (1959, p. 20). Semelhantemente, em *The House Behind the Cedars*, a pequena cidade de Pattlesville, no estado da Carolina do Norte, tem uma grande importância na representação da linha de cor encontrada na obra. Para Gibson (1993), a diferença histórica entre a Carolina do Norte e a Carolina do Sul determinaria a possibilidade de o relacionamento inter-racial ser possível ou não. De acordo com o autor, na Carolina do Sul, a cor de um indivíduo era determinada por sua reputação e posição social. Entretanto, conforme o autor, ainda, mesmo na Carolina do Sul, John, irmão de Rena, “seria estigmatizado se fosse sabido que ele tinha ancestrais negros ou que fora previamente conhecido como negro”¹ (p. xi).

¹ “(...) would be stigmatized if it were known that he had black forebears or that had previously been known as black.”

Dessa forma, para não incorrer no erro do relato de uma trama em um espaço no qual ela, se fosse verdade, não poderia acontecer, o narrador situa as personagens em cidades que se mostrariam racistas diante da questão do relacionamento inter-racial.

Uma segunda relação de semelhança entre as obras é a utilização de eventos históricos para ambientar o tempo da narrativa. Não faço referência a um tempo psicológico ou metafísico, mas ao tempo cronológico de um romance, que, para Massaud Moisés (1972), é marcado pelo ritmo do relógio. Assim, o

(...) tempo social, por excelência, na medida em que as múltiplas relações em sociedade (comerciais, industriais, domésticas coletivas, etc., etc.) se marcam pelo calendário, faz crer numa regularidade fixa dos segmentos temporais, divididos ascendentemente de segundo ou fração até século ou milênio (p. 197).

Verifica-se, portanto, em ambos os romances, a preocupação do narrador em localizar o leitor cronologicamente, utilizando, para isso, eventos históricos como referência. Em *O Mulato*, o narrador informa que a Guerra Franco-Prussiana tinha sido “extinta um pouco antes” (AZEVEDO, 1992, p. 82), colocando, assim, o enredo na década de 1870. Já em *The House Behind the Cedars*, o narrador inicia a sua história “poucos anos depois da Guerra Civil”² (p. 1). Essa informação leva à determinação do tempo da narrativa: o final da década de 1860 ou início da década de 1870, período bastante próximo do da narrativa aluisiana.

A terceira analogia entre as obras é a presença de um narrador onisciente, em terceira pessoa. Para Leite (2005), “esse narrador tem a liberdade de narrar à vontade, (...) de adotar um ponto de vista divino (...) para além dos limites do tempo e do espaço” (p. 26-27). O narrador em *O Mulato* e em *The House Behind the Cedars* faz questão de mostrar a sua onisciência ao revelar seu conhecimento

² “a few years after the Civil War”

não só do passado das personagens, mas também de eventos futuros. Em *O Mulato*, ele afirma, por exemplo, que “a história de Raimundo, a história que ele ignorava, era sabida por quantos conheceram os seus parentes no Maranhão” (AZEVEDO, 1992, p. 41) e por ele incluso, já que passa a fazer um *flashback* da sua infância e juventude na Europa. Esse narrador faz também questão de dizer que conhecia o que ainda estava para acontecer às personagens. Como exemplo, cito o seu comentário a respeito do aconteceria, no futuro, a Raimundo: “Todavia, o pior lhe estava reservado para o mês de junho” (AZEVEDO, 1992, p. 101).

Semelhantemente, em *The House Behind the Cedars*, o narrador escolhe o que vai dizer, de acordo com a conveniência do texto. Ao relatar, por exemplo, que havia comentários na cidade de Clarence, na qual John vivia, de que a Sra. Newberry, viúva, gostaria de consolar o rapaz quando esse perdera a esposa, o narrador declara que “se isso era verdadeiro ou não é desnecessário inquirir, porque não tem parte nessa história”³ (CHESNUTT, 1993, p. 46). Além do conhecimento do que é necessário relatar, o narrador deixa perceber, também, que ele é conhecedor de fatos futuros da trama. Ele narra o evento do erro do Judge Straight, que ao saber que George estava em Patesville, envia um recado, por uma criança, para avisar a Rena da sua presença. O erro, conforme o narrador, foi o de dar dez centavos à criança, juntamente com o recado. O narrador sabia, então, que o menino se distrairia e não chegaria a tempo para enviar a mensagem e diz que “exatamente aqui, entretanto, o juiz cometeu o seu erro”⁴ (CHESNUTT, 1993, p. 81).

Além de toda essa onisciência geral, quanto às diversas personagens, ambos narradores tornam-se intrusos nas suas narrativas; ou seja, fazem “comentários sobre a vida, os costumes, os caracteres, a moral, que podem ou não estar entrosados com a história narrada” (LEITE, 2005, p. 27). Em *O Mulato*, o narrador fala, ao descrever a avó de Ana Rosa, D. Maria Bárbara, que ela era uma víbora, que dava nos escravos por hábito e gosto, e acrescenta a interjeição “Deus nos acuda!” (AZEVEDO, 1992, p. 18). Já em *The House Behind the Cedars*, entre os

3 “whether this was true or not it is unnecessary to inquire, for it is no part of this story.”

4 “just here, however, the judge made his mistake.”

vários comentários do narrador, cito aquele que, ao descrever os habitantes da casa atrás dos cedros, declara não serem nem escravos e nem cidadãos, e adiciona que “nenhum negro, exceto em livros, jamais recusou a liberdade”⁵ (CHESNUTT, 1993, p. 104).

A quarta semelhança entre as obras é a presença de palavras preconceituosas na fala do narrador. Foi destacado, no primeiro capítulo, que as teorias científicas que defendiam a inferioridade da raça negra eram, muitas vezes, encontradas, na literatura, na forma estereotipada em que personagens negras eram descritas. Dessa forma, foi possível encontrar, baseado na taxonomia de Brookshaw (1983), dentro da narrativa d'*O Mulato*, descrições qualificativas do escravo: *demônio*, *desprezível*, *imoral*, *fiel* e *nobre*. Nessas caracterizações do narrador, foram destacadas, no Capítulo 1, palavras como *sujo*, *gorduroso*, *sensual*, entre outras (vide Quadro 2, p. 41). Essas referências preconceituosas ao negro corroboram a teoria de que a raça branca era superior à negra tanto física quanto moralmente, e que o negro, diante da supremacia branca, tendia ou à passividade submissa ou à adoração ao elemento branco. Essa adoração, na obra aluisiana, foi encontrada na personagem Mônica, que, mesmo sendo uma negra livre, permaneceu na casa de Manuel Pescada, para servir Ana Rosa. O narrador utiliza o adjetivo *cativa* e compara a sua docilidade com a do cão. Esse símile entre um negro e um animal é encontrado nas obras de teóricos do racismo como Nott (2005) e Agassiz (2000), como visto no Capítulo 1 deste trabalho.

Semelhantemente, em *The House Behind the Cedars*, como destacado no segundo capítulo, o narrador descreve Mis' Molly, mãe de Rena, como uma afro-descendente livre cujas características se aproximam as do estereótipo do *escravo fiel*. O narrador utiliza, assim, substantivos como *fidelidade*, *devoção* e verbos como *adorar*, que ratificam essa tendência preconceituosa na sua fala (vide Quadro 3, p. 69). Ademais, através das frases *superiores em sangue* e *qualidade superior*, ele cria uma escala de superioridade entre as raças: Mis' Molly, uma mestiça de tez clara, era inferior ao pai de Rena, um homem branco, mas era superior a outros afro-descendentes de pele mais escura.

⁵ “no negro, save in books, ever refused freedom”

A quinta semelhança entre as duas obras é a escolha e a descrição dos protagonistas “embranquecidos”. Em *O Mulato*, como analisado no primeiro capítulo, o narrador descreve um rapaz de vinte e seis anos, de grandes olhos azuis, com tez amulatada, mas fina. Ele comenta que “a parte mais característica da sua fisionomia eram os olhos – grandes, ramalhudos, cheios de sombras azuis” (AZEVEDO, 1993, p. 40) que puxara do pai, José Pedro, português, irmão de Manuel Pescada. O editor da décima primeira edição d’*O Mulato*, em nota, faz a afirmação de que hoje a ciência consideraria a atribuição dos olhos azuis a Raimundo inverossímil, já que, por serem os olhos claros um fator geneticamente recessivo, não apareceriam em uma primeira geração de miscigenação. Entretanto, prefiro não elaborar essa questão científica, a fim de determinar se as teorias da genética eram ou não conhecidas pelo autor. O que gostaria de destacar aqui é o fato de o narrador declarar que o traço físico mais característico de Raimundo era aquele que ele puxara do branco: os olhos azuis.

Além dessas características físicas, o narrador afirma que Raimundo “tinha os gestos bem educados, sóbrios, despidos de pretensão” e que “falava em voz baixa, distintamente, sem armar ao efeito”; além disso, “vestia-se com seriedade e bom gosto”, e “amava as artes, as ciências, a literatura e, um pouco menos, a política” (AZEVEDO, 1993, p. 40). Raimundo poderia passar, então, por qualquer branco instruído, não só devido aos seus traços físico, mas também culturais.

Semelhantemente, no romance americano, *Rena*, a heroína em *The House Behind the Cedars*, não só poderia passar por branca, como efetivamente escolheu fazê-lo. Ela é descrita como sendo uma mulher “alta, com pele cor de marfim, cabelos castanhos ondulados e olhos impenetráveis”⁶ (CHESNUTT, 1993, p. 47). Além de toda a beleza física enaltecida pelo narrador, ela é, também, exaltada pela sua elegância, pois, mesmo ao usar vestidos simples, revelava a sua qualidade superior (*superior quality*).

6. “tall (...), with the ivory complexion, the rippling brown hair, and the inscrutable eyes”

Como mencionado no segundo capítulo, para evitar que muitos afro-descendentes americanos passassem por brancos, foram instituídas as regras um oitavo ($\frac{1}{8}$) e *uma gota (one drop)*, que classificavam uma pessoa como negra por ter algum ascendente africano, independentemente da sua geração. Mesmo sendo classificada como negra, Rena escolheu buscar o mundo do branco como sendo o alvo de sua vida e, para tal, deixou para trás a sua história, sua família e seus amigos negros.

Quer tenha sido por ignorância ou por escolha, ambos protagonistas experimentaram o mundo do branco por lhe terem sido dadas características muito próximas a eles. Em um nível mais superficial, seria possível dizer que a escolha de heróis embranquecidos se devia à necessidade da verossimilhança interna da obra. Entretanto, em um nível mais profundo, é mister reconhecer que as teorias científicas do racismo se encontravam em expansão naquela segunda metade do século XIX. Essas teorias estavam presentes, por exemplo, na própria narrativa de *The House Behind the Cedars*, quando o narrador se mostra conhecedor das regras de $\frac{1}{8}$ (CHESNUTT, 1993, p. 114) e de *one drop* (CHESNUTT, 1993, p. 113), tendo lido, provavelmente, o artigo mencionado pelo Juiz de Patesville, o Judge Straight, sobre “a incorrigível inferioridade intelectual do negro, e a degeneração física e moral dos mulatos, que combinavam as piores qualidades das duas raças ancestrais”⁷ (CHESNUTT, 1993, p. 110).

Dessa forma, não julgo que a escolha de heróis embranquecidos tenha sido por ignorância do narrador a respeito das teorias científicas da superioridade da raça branca. A narrativa revela que, por ser supostamente superior, o mundo dos brancos é representado como alvo de vida daqueles de raça miscigenada. Tanto em *O Mulato* quanto em *The House Behind the Cedars*, o narrador apresenta heróis com características de heróis brancos, ou seja, pessoas virtuosas em aparência e cultas. Ao embranquecer os seus heróis, o narrador de cada obra ratifica, então, a idéia

⁷ “the hopeless intellectual inferiority of the negro, and the physical and moral degeneration of mulattoes, who combined the worst qualities of their ancestral races”

do embranquecimento da raça negra como solução para a questão da presença de um elemento considerado inferior no meio de um elemento tido como superior.

A sexta analogia que gostaria de apresentar refere-se à forma através da qual os heróis embranquecidos desaparecem do cenário da sua narrativa: a morte. Em *O Mulato*, Raimundo é morto a tiros pelo seu rival branco, o Luis Dias, que toma essa decisão por incentivo do Cônego Diogo. Semelhantemente, em *The House Behind the Cedars*, a heroína Rena, após ser emboscada por Jeff, o dono da escola na qual trabalhava, e George, seu ex-noivo, foge daquela situação e perde-se no caminho, ficando sob a chuva e adoecendo a ponto de morrer.

Poderia apenas ressaltar aqui o modo trágico da morte dos heróis. Entretanto, nessa comparação, não posso ignorar o fato de que, mesmo em tramas escritas em países geograficamente separados, o narrador relata um fim semelhante para os heróis embranquecidos. Sem querer forçar uma possível interpretação para esse fato, gostaria de aludir, novamente, à teoria científica do enfraquecimento do mestiço, discutida no primeiro capítulo. Brookshaw (1983) declara que, para muitos cientistas e etnólogos do século XIX, é o homem branco, não o mestiço, que tem capacidade de sobreviver à lei da selva, porque é munido de qualidades que o tornam mais forte. Julgo, portanto, que a morte dos heróis embranquecidos confirma a teoria da superioridade da raça branca, através da sobrevivência do “mais forte”. O narrador, talvez, querendo apenas trazer mais tragicidade à sua trama, incide no erro de ratificar a teoria da morte da raça mestiça.

Finalmente, a sétima e última semelhança que acredito existir entre os romances é o conflito do relacionamento inter-racial. O preconceito racial foi o tema que norteou as obras, mas esse preconceito poderia ter sido representado de várias formas dentro das narrativas, já que o racismo era encontrado em todas as esferas da vida social do Brasil e dos Estados Unidos. O preconceito relatado nos romances, entretanto, encontra-se ligado ao problema do relacionamento entre uma personagem branca e uma afro-descendente que possui uma tez tão clara que seria capaz de passar por branca.

Há, no romance americano, entretanto, uma acentuação maior na questão da linha de cor, já que a segregação encontrada no mundo em referência, a sociedade americana após a Guerra Civil, não era apenas *de facto*, como na sociedade maranhense representada n' *O Mulato*, mas *de jure*, que proibia o casamento entre um branco e um negro. No entanto, permitido ou não por lei, o narrador relata, na ficção, o que seria possível acontecer do ponto de vista da verossimilhança: o forte preconceito que impede o relacionamento entre uma pessoa branca e uma afro-descendente.

O quadro abaixo apresenta um resumo dos sete traços comuns aos romances *O Mulato* e *The House Behind the Cedars*.

Crítérios	Traços Comuns Pertencentes às Obras
Espaço	Cidades pequenas, pobres e cheias de preconceito racial
Tempo	Utilização de eventos históricos para demarcação do tempo da trama
Narrador	Onisciente, em terceira pessoa e intruso
Fala do Narrador	Indícios de preconceito racial na sua narrativa através de descrições estereotipadas de personagens negras e do embranquecimento dos heróis
Protagonistas	A descrição de heróis com características físicas e morais de heróis brancos
Fim dos Protagonistas	Morte de Raimundo e Rena, lembrando a teoria “científica” da incapacidade do mestiço de sobreviver à lei da selva
Relacionamento Inter-racial	Preconceito contra o relacionamento entre uma personagem branca e uma afro-descendente de tez clara

Quadro 3: Resumo dos Traços Comuns Inerentes às Obras

3.3. Características Individuais de Cada Obra

O Mulato e *The House Behind the Cedars*, apesar de terem sido escritos em países separados geograficamente, sem nenhum tipo de influência de uma obra sobre a outra ou de um autor sobre o outro, possuem um tema comum, tema esse que é, para Machado e Pageaux (1988), não só o mediador, mas, também, o fundador das obras literárias. Foram apontadas, assim, sete características que tornam essas obras *de fronteira* em obras *análogas*, conforme a denominação de Carvalho (2003).

Por serem análogas e, não idênticas, cada obra, ao ser comparada, apresenta características individuais. Dessa forma, duas grandes diferenças entre *O Mulato* e *The House Behind the Cedars* precisam ser destacadas: o ângulo de visão e a consciência dos heróis dos romances da sua ascendência negra.

Leite (2005) declara que ângulo de visão é “o lugar a partir do qual são enfocados os fatos narrados” (p. 87); ou seja, é a lente através da qual se observa o mundo da narrativa. É, portanto, através dessa lente, que percebo ser a obra aluisiana uma narrativa a respeito do mundo dos brancos, no qual há a introdução do elemento afro-descendente; a obra chesnuttiana, em contrapartida, trata de uma narrativa do mundo dos afro-descendentes, no qual um desses elementos mestiços decide inserir-se no mundo dos brancos.

Não querendo, absolutamente, fazer qualquer defesa à crítica biográfica, que “parte do pressuposto de que a obra é a transposição de uma vida, o retrato retocado das experiências existenciais de um indivíduo artista” (MOISÈS, 1973, p. 51), creio, no entanto, ser curiosa a seguinte coincidência: o autor da obra brasileira é branco, descendente de portugueses, e cria um mundo ficcional branco, enquanto o autor da obra americana é afro-descendente e cria um mundo ficcional afro-descendente.

De qualquer forma, é nesse mundo ficcional que é encontrada a segunda característica que torna as obras diferentes ou individuais: a consciência da

negritude. Em *O Mulato*, em primeiro lugar, encontra-se Raimundo, a personagem afro-brasileira, que

(...) em toda a sua vida, sempre longe da pátria, entre povos diversos, cheia de impressões diferentes, tomada de preocupações de estudos, *jamaís* [grifo meu] conseguira chegar a uma dedução lógica e satisfatória a respeito da sua procedência (AZEVEDO, 1993, p. 40).

Só através da revelação do pai de Ana Rosa, Manuel Pescada, a respeito da sua ascendência e da circunstância de ter sido forro à pia batismal, é que ele compreende todos

(...) os mesquinhos escrúpulos que a sociedade do Maranhão usara para com ele. Explicava tudo: a frieza de certas famílias a quem visitara; a conversa cortada no momento em que Raimundo se aproximava; as reticências dos que lhe falavam sobre os seus antepassados; a reserva e a cautela dos que, em sua presença, discutiam questões de raça e de sangue (AZEVEDO, 1993, p. 167-168).

Com essas revelações, apesar de não querer acreditar na sina, Raimundo “parou defronte do espelho e mirou-se com muita atenção, procurando descobrir no seu rosto descorado alguma coisa, algum sinal que denunciasse a raça negra” (AZEVEDO, 1993, p. 172). O narrador afirma, assim, que, com a consciência da sua negritude, “na brancura daquele caráter imaculado brotou, esfervilhando logo, uma ninhada de vermes destruidores, onde vinham o ódio, a vingança, a vergonha, o ressentimento, a inveja, a tristeza e a maldade” (AZEVEDO, 1993, p. 168). Raimundo, naquele turbilhão de sentimentos, reconhece, na palavra *mulato*, a raiz de todos os seus males, presentes e passados. Ele mesmo não consegue acreditar que fora tão ignorante do fato de ser *mulato*, e diz: “Mulato! E eu que nunca pensara em semelhante coisa!... Podia lembrar-me de tudo, menos disto!...” (AZEVEDO, 1993, p. 169).

Diferentemente de Raimundo, Rena, a protagonista afro-descendente da obra chesnuttiana, crescida na casa atrás dos cedros, conhecia não só a história de seus pais, mas, também, a posição de inferioridade que a sociedade de Patesville lhe impunha. Sabia que a razão de ter ficado dez anos longe do seu irmão era decorrente da decisão que ele tomara de sair da sua cidade natal para passar por branco em Clarence, na Carolina do Sul, assumindo o nome de Warwick.

Ao viajar com John para Clarence, o narrador declara que não só ela assumiu o novo nome, Warwick, mas também, ao ficar noiva de George, relutou em lhe revelar suas origens. O narrador comenta que a sua “reserva ao passo irrevogável do casamento era devido a uma causa simples, porém complexa”, (...) a consciência do seu segredo” ⁸ (CHESNUTT, 1993, p. 50). Mesmo quando ela tomava a decisão de contar ao noivo algum fato a respeito da sua ascendência, lembrava-se de que esse segredo não era somente dela: “ele envolvia a posição do seu irmão, a quem devia tudo e, em um grau menor, o futuro do seu sobrinho pequeno” ⁹ (CHESNUTT, 1993, p. 53).

O segredo contra o qual Rena luta é comparado a um pecado, já que “a mancha de sangue negro era o pecado imperdoável, de cujo castigo imerecido não havia salvação, exceto pela ocultação” ¹⁰ (CHESNUTT, 1993, p. 86). Para o narrador, a fórmula mosaica de que a culpa do pecado dos pais recairia sobre os filhos “estava gravada mais indelevelmente no coração da raça do que nas tábuas do Sinai” ¹¹ (CHESNUTT, 1993, p. 51). Ademais, além de saber que era afro-descendente, fato desconhecido por Raimundo, em *O Mulato*, Rena conhecia, todas

8 “shrinking from the irrevocable step of marriage was due to a simple and yet complex cause (...) the consciousness of her secret.”

9 “it involved her brother’s position, to whom she owed everything, and, in less degree, the future of her little nephew.”

10 “the taint of black blood was the unpardonable sin, from the unmerited penalty of which there was no escape except by concealment.”

11 “was graven more indelibly upon the heart of the race that upon the tables of the Sinai.”

as restrições que um negro sofria por causa do *Jim Crowismo*; ela tinha consciência, portanto, de que, “pedindo para entrar pelo portão dourado da oportunidade, (...) a sociedade barrava a passagem de todos que tinham o sangue da raça desprezada”¹² (CHESNUTT, 1993, p. 112).

O seu conhecimento das imposições da segregação *de jure* tornou-se visível na carta que escreveu a seu ex-noivo, George Tryon, na qual afirmava que seria excluída por causa da cor, impedindo-a de alcançar tudo quanto desejava. Diante disso, “seria perder tempo sonhar em uma futura amizade entre pessoas tão diferentes em posição”¹³ (CHESNUTT, 1993, p. 173).

Dessa forma, é possível perceber que, diferentemente da obra aluisiana, *Rena Walden*, transformada em *Rena Warwick*, tinha plena consciência da sua ascendência, ou seja, sabia que era filha de uma mãe afro-descendente e de um homem branco. Além disso, sabia, também, que seu irmão, para conquistar a posição social que almejava, saíra de casa aos dezoito anos, adotara outro sobrenome e passara a viver como branco. Finalmente, após ver descoberto o seu segredo por George, ela confirma o seu conhecimento das restrições imputadas a um negro pelas leis do *Jim Crow*.

O quadro a seguir apresenta um resumo das características individuais d’*O Mulato* e de *The House Behind the Cedars*.

12 “demanding entrance to the golden gate of opportunity (...) society barred to all who bore the blood of the despised race.”

13 it were idle to dream of a future friendship between people so widely different in station.”

Critérios	Características Individuais de Cada Obra	
	<i>O Mulato</i>	<i>The House Behind the Cedars</i>
Ângulo de Visão	Mundo dos brancos, com a introdução do elemento afro-descendente	Mundo dos negros no qual um elemento afro-descendente se insere no mundo dos brancos
Consciência da Ascendência Negra	Personagem afro-descendente totalmente ignorante da sua ascendência negra até o momento da revelação	Personagem afro-descendente totalmente consciente da sua ascendência negra desde a infância

Quadro 4: Resumo das Características Individuais de Cada Obra

3.4. Algumas Considerações

Este capítulo teve por objetivo traçar paralelos entre *O Mulato* de Aluísio de Azevedo e *The House Behind the Cedars* de Charles Chesnutt. O conceito da Literatura Comparada que norteou essa comparação foi o tema, que é visto não só como um elemento extraliterário, mas como aquele que norteia o conteúdo e a estrutura da obra literária. O tema recorrente nas obras em estudo é o preconceito racial, sendo esse um dos pontos de analogia entre as duas obras. A Literatura Comparada utiliza o termo analogia porque duas obras, mesmo com temas e características sócio-históricas comuns, não perdem aquelas que as identificam separadamente. Elas fazem parte, assim, de uma comunidade interliterária, mas não são, de forma alguma, idênticas.

Diante disso, esses romances, apresentando traços comuns e, ao mesmo tempo, características individuais, mesmo escritos em países geograficamente distantes, possuem dois elementos símile muito importantes para esta pesquisa: a presença de palavras preconceituosas na fala dos seus narradores e a escolha de heróis embranquecidos em um momento quando o mundo científico de ambos os países clamava pelo embranquecimento da sua raça, como a solução para a presença do elemento negro, considerado inferior, na sua sociedade. Dessa forma, é inevitável a conclusão de que o narrador de ambos os romances se tornou

contraditório em seus objetivos, já que incorreu no erro que procurava combater nas tramas narradas: o preconceito racial.

CONCLUSÃO

O presente trabalho de pesquisa retratou a intenção de analisar e comparar *O Mulato*, de Aluísio Azevedo e *The House Behind the Cedars*, de Charles Chesnutt, obras coetâneas, escritas em países diferentes, não sofrendo a influência de uma sobre a outra, mas possuidoras de um mesmo tema: o preconceito racial.

Relativamente ao tema ou à função ideológica do texto, descobri ser ele não só um elemento extraliterário, no campo das outras ciências humanas, mas também um elemento interno que desempenha certo papel na estrutura do texto literário, de acordo com Candido (2000) ou como um elemento mediador e fundador do texto, conforme Machado e Pageaux (1988).

Analisando, dessa forma, a estrutura dos dois romances que compõem o corpus desta pesquisa, procurei verificar se havia, na fala do narrador, palavras de teor racista, ao contar uma trama que denunciava o preconceito racial. A hipótese que norteou a pesquisa, portanto, era que o narrador deixou marcas de racismo na sua fala através do uso de palavras de cunho preconceituoso e do embranquecimento dos heróis afro-descendentes; dessa forma, o seu discurso tornou-se contraditório, já que incorria no erro que acusava.

A fim de verificar a possível veracidade da hipótese levantada, foi-me necessário, antes de tudo, analisar cada romance separadamente. Por isso, dividi a dissertação em três capítulos, sendo o primeiro devotado à análise d'*O Mulato*, o segundo, à de *The House Behind the Cedars* e, o terceiro, a uma comparação entre os dois romances. Procurei, acima de tudo, não perder de vista o foco principal deste trabalho: a voz do narrador.

No primeiro capítulo, descobri que, por ser *O Mulato* um romance naturalista, o narrador buscava “fotografar” a realidade da cidade de São Luís, com o seu preconceito de cor. Entretanto, para entender melhor esse preconceito, encontrei, em estudos de cientistas como Agassiz (2000) e Nott (2005), que influenciaram o pensamento de importantes figuras brasileiras como Sílvio Romero (1980), Joaquim Nabuco (1883) e Nina Rodrigues (1988), a teoria racista da inferioridade física e

moral da raça negra. Aprendi, através dos estudos de Brookshaw (1983), que essa teoria é evidenciada, na literatura, na forma estereotipada em que personagens negras são representadas. Assim, busquei encontrar expressões do narrador quando descreve personagens negras que as aproximassem dos seguintes estereótipos de escravos: o *escravo demônio*, o *escravo desprezível*, o *escravo imoral*, o *escravo fiel* e o *escravo nobre*.

Ao ler cinco obras anteriores ao romance aluisiano, para minha surpresa, percebi que esses estereótipos já estavam lá presentes. Através de um levantamento de substantivos, adjetivos e verbos usados pelo narrador d'O Mulato, para descrever personagens, percebi que ele não só ratificou, no romance, as teorias científicas do racismo como, também, deu continuidade a caracterizações preconceituosas de personagens negras presentes nas obras anteriores. Ademais, o uso de um herói embranquecido, com características do estereótipo do *escravo nobre*, corroborou a teoria da superioridade da raça branca, confirmando, assim, a hipótese desta pesquisa.

Passando ao segundo capítulo, após uma breve apresentação do autor e da trama da obra, procurei compreender como o preconceito racial foi ali representado. Para tal, senti a necessidade de conhecer o contexto sócio-histórico da segregação racial americana e descobri que havia uma linha de cor, apesar de imaginária, que separava os brancos dos negros. Percebi, ainda, que essa separação não era apenas *de facto*, mas, também, *de jure*, ou seja, consolidada pelas leis estadunidenses.

Aprendi que essas leis segregacionistas eram chamadas de *Jim Crow* e regulavam todas as áreas da vida social dos negros. Percebi, ainda, que, para reforçar essa separação, havia a presença de sociedades secretas, como o KKK, e de religiosos que, usando textos da Bíblia, pregavam a submissão do negro ao branco. Passei, então, a verificar como tal submissão estava presente na literatura e percebi, mais uma vez, a presença do estereótipo do *escravo fiel* tanto na obra de Stowe (1965), *Uncle Tom's Cabin (A Cabana do Pai Tomás)* quanto na própria obra chesnuttiana em análise.

No estudo da fala do narrador de *The House Behind the Cedars*, verifiquei a presença tanto de substantivos, adjetivos e verbos que reforçam o exemplo do *escravo fiel* e do *escravo nobre*, através da heroína embranquecida, quanto de uma nova escala de superioridade criada pelo narrador, na qual o branco é superior ao mestiço e este, por conseguinte, é superior ao negro africano. Dessa forma, mais uma vez, foi possível a verificação da veracidade da hipótese levantada neste estudo.

Quanto ao terceiro capítulo, através de um levantamento de pontos em comum entre as obras examinadas e outras referências que as tornam individuais, pude verificar que, interessantemente, não só o tema era comum aos dois romances escritos em países tão distantes, mas outros seis aspectos lhes eram semelhantes. Em contrapartida, percebi que enquanto *O Mulato* apresenta o mundo dos brancos com a inserção do elemento afro-descendente na narrativa, *The House Behind the Cedars* apresenta o mundo dos negros e, nele, introduz personagens afro-descendentes no mundo dos brancos.

Finalmente, gostaria de mencionar o quanto esta pesquisa contribuiu para o meu crescimento como pessoa e como estudioso da literatura. Pessoalmente, ela me fez refletir sobre o discurso que o ser humano muitas vezes reproduz, sem atinar nas implicações que cada palavra pode trazer. Como amante da literatura brasileira e norte-americana, o estudo do tema do racismo como parte integrante da estrutura da obra literária e não como mero elemento extraliterário permitiu-me uma maior reflexão sobre a importância desses elementos: o tema e a estrutura. Entretanto, percebi que eles não devem ser vistos como elementos excludentes, já que, como afirma Compagnon em sua obra *O demônio da Teoria* (2006), essa lógica binária leva o estudioso da literatura a “alternativas dramáticas”, jogando-o “contra a parede e os moinhos de vento” (p. 138). Ele conclui, assim, que “a literatura é o próprio entrelugar, a interface” (COMPAGNON, 2006, p. 138).

Expresso, assim, o meu desejo de que esta pesquisa tenha contribuído de forma positiva para os estudos de fortuna crítica da obra aluisiana e chesnuttiana. Creio, assim, que os romances poderão ser apreciados não só pelo seu ideologema, mas também por toda a sua estrutura narrativa, que permite aos estudiosos

enxergar seja o preconceito, seja a contradição de incorrer em discursos preconceituosos, mesmo quando se defende a falácia das teorias racistas que apóiam a supremacia da raça branca.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

1. Obras que Constituem o Corpus da Dissertação

AZEVEDO, Aluísio. **O mulato**. 11.ed. São Paulo: Ática, 1992. (Série Bom Livro)

CHESNUTT, Charles W. **The house behind the cedars**. New York: Penguin Classics, 1993.

2. Outros Romances Analisados

ALENCAR, José de. **O tronco do Ipê**. Rio de Janeiro: Edições de Ouro, 1969. (Clássicos Brasileiros)

ALMEIDA, Manuel Antonio de. **Memórias de um sargento de milícias**. São Paulo: Klick Editora: O Estado de São Paulo, 1997. (Coleção Ler É Aprender)

ASSIS, Machado de. **Iaiá Garcia**. 6.ed. São Paulo: Ática, 1989. (Série Bom Livro)

CHESNUTT, Charles. The sheriff's children. In: _____. **Tales of conjure and the color line**: 10 stories. Mineola, NY: Dover, 1998.

GUIMARÃES, Bernardo. **A escrava Isaura**. Guarulhos, SP: Germape, 2004.

MACEDO, Joaquim Manuel. **As vítimas algozes**: quadros da escravidão. 3.ed. São Paulo: Scipione, 1991.

STOWE, Harriet Beecher. **Uncle Tom's cabin**. New York: Harper & Row, Publishers, Inc, 1965.

3. Obras de Teoria da Literatura e de Literatura Comparada

ARISTÓTELES; HORÁCIO; LONGINO. **A poética clássica**. Tradução de Jaime Bruna. São Paulo: Cultrix, 2005.

BAKHTIN, Mikhail. **Questões de literatura e de estética**: a teoria do romance. Tradução de Aurora Fornoni Bernadini et al. 5 ed. São Paulo: Hucitec: Annablume, 2002.

BOSI, Alfredo. **História concisa da literatura brasileira**. 42.ed. São Paulo: Cultrix, 1994.

BRUNEL, P.; PICHOS, C.; ROUSSEAU, A. M. **Que é literatura comparada?** Tradução de Célia Berrettini. São Paulo: Perspectiva:EDUSP; Curitiba: UFPR, 1990. (Coleção Estudos, 115)

BUESCU, Helena. Literatura comparada e teoria da literatura: relações e fronteiras. In: _____; DUARTE, João Ferreira; GUSMÃO, Manuel. (Org.) **Floresta encantada**: novos caminhos da literatura comparada. Lisboa: Dom Quixote, 2001.

CANDIDO, Antonio. **Literatura e sociedade**. 8.ed. São Paulo: T.A. Queiroz: Publifolha, 2000. (Grandes nomes do pensamento brasileiro)

CARVALHAL, Tânia Franco. **O próprio e o alheio**: ensaios da literatura comparada. São Leopoldo, RS: UNISINOS, 2003.

COMPAGNON, Antoine. **O demônio da literatura**: literatura e senso comum. Tradução de Cleonice Paes Barreto Mourão e Consuelo Fortes Santiago. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2006.

COSTA LIMA, Luiz. **A metamorfose do silêncio**. Rio de Janeiro: Eldorado, 1974.

GUILLÉN, Cláudio. Entre o uno e o diverso: introdução à literatura comparada. Tradução de Dionísio Martínez Soler. In: BUESCU, Helena; DUARTE, João Ferreira; GUSMÃO, Manuel. (Org.) **Floresta encantada**: novos caminhos da literatura comparada. Lisboa: Dom Quixote, 2001.

GUYARD, Marius-François. Objeto e método para a literatura comparada. In: COUTINHO, Eduardo F.; CARVALHAL, Tânia Franco. (Org.) **Literatura comparada**: textos fundadores. Rio de Janeiro: Rocco, 1994.

JAUSS, Hans Robert. A estética da recepção: colocações gerais. In : _____. et al. **A literatura e o leitor**: textos de estética da recepção. Tradução de Luiz Costa Lima. Rio de Janeiro: Paz e terra, 1979.

LEITE, Ligia Chiappini Moraes Leite. **O foco narrativo**. 10.ed. São Paulo: Ática, 2005. (Série Princípios, 4)

MACHADO, Álvaro Manuel; PAGEAUX, Daniel-Henri. **Da literatura comparada à teoria da literatura**. Lisboa: Edições 70, 1988.

MACHADO, Irene. **O romance e a voz**: a prosaica dialógica de M. Bakhtin. Rio de Janeiro: Imago: FAPESP, 1995.

MOISÉS, Leyla Perrone. **Falência da crítica**. São Paulo: Perspectiva, 1973.

MOISÉS, Massaud. **A criação literária**. 5.ed. São Paulo: Melhoramentos, 1972.

ROMERO, Sílvio. **História da literatura brasileira**. 7.ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 1980. 1 v.

NITRINI, Sandra. **Literatura comparada**: história, teoria e crítica. 2.ed. São Paulo: Edusp, 2000.

SÜSSEKIND, Flora. **Tal Brasil, qual romance ?** Rio de Janeiro: Achiamé, 1984.

WELLEK, René. **Conceitos de crítica**. Tradução de Oscar Mendes. São Paulo: Cultrix, [19-].

4. Outras Obras Consultadas

AGASSIZ, Luis; AGASSIZ, Elizabeth Cary. **Viagem ao Brasil**. Tradução de Edgar Süssekind de Mendonça. Brasília: Conselho Editorial, 2000. (Coleção O Brasil Visto por Estrangeiros)

ANSWERS Corporation. **Answers.com™**. New York: Online Encyclopedia, Thesaurus, Dictionary definitions and more, 1999. Disponível em: <<http://www.answers.com/topic/color-line>>. Acesso em: 24 abr. 2007.

ARANHA, Maria Lúcia de Arruda ; MARTINS, Maria Helena Pires. **Filosofando**: introdução à filosofia. 2.ed. São Paulo: Moderna, 1993.

ARARIPE JUNIOR. Aluísio Azevedo. O romance no Brasil. In: COUTINHO, Afrânio (Dir.). **Obra crítica de Araripe Júnior**. Rio de Janeiro: Casa de Rui Barbosa, 1960. v.2.

_____. Tendências de Aluísio Azevedo. Eça de Queirós, O Mulato, casa de Pensão, O Coruja. Concreção. O Homem. In: COUTINHO, Afrânio (Dir.). **Obra crítica de Araripe Júnior**. Rio de Janeiro: Casa de Rui Barbosa, 1960. v.2.

BANTON, Michael. **Race relations**. New York: Basic Books, Inc., 1967.

BARKSDALE, Richard; KINNAMON, Keneth. **Black writers of America: a comprehensive anthology**. New York: Macmillan Publishing Company, 1972.

BÍBLIA: tradução ecumênica. São Paulo: Edições Loyola, 1994.

BONE, Robert. **The negro novel in America**. New Haven: Yale University Press, 1965.

BOSI, Alfredo. **Poesia versus racismo**. *Estudos Avançados*, vol.16, nº 44, p. 235 – 253, jan. – abr. 2002.

BROOKSHAW, David. **Raça & cor na literatura brasileira**. Tradução de Marta Krist. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1983.

BROWNER, Stephanie. **The Chesnutt family tree**. Berea, KT: The Charles Chesnutt digital archive, 2001. Disponível em: <<http://faculty.berea.edu/browners/chesnutt/biography/familytree.html>>. Acesso em: 20 abr. 2007.

CASHMORE, Ellis. **Dicionário de relações étnicas e raciais**. Tradução de Dinah Kleve. São Paulo: Summus, 2000.

COMTE, Auguste. **Œuvres choisies**. Paris: Aubier, [1943 ?].

COMPTON'S interactive encyclopedia. Carlsbad, CA: Compton's New Media, Inc., 1995. 1 CD-ROM.

CONSTITUTION of the United States: amendments 11-27. College Park: National archives and records administration, 2007. Disponível em <http://www.archives.gov/national-archives-experience/charters/constitution_amendments_11-27.html>. Acesso em: 01 maio 2007.

COZZENS, Lisa. **Plessy v. Ferguson.** Welcome to African American history, 1999. Disponível em <<http://www.watson.org/~lisa/blackhistory/post-civilwar/plessy.html>>. Acesso em 25 abr. 2007.

DAVIS, Ronald L. F. Creating Jim Crow: in-depth essay. **The history of Jim Crow**, New York, [2002]. Disponível em <<http://www.jimcrowhistory.org>>. Acesso em: 25 abr. 2007.

FALCK, Susan. **Jim Crow legislation overview.** New York: The history of Jim Crow, [2002]. Disponível em <http://www.jimcrowhistory.org/resources/lessonplans/hs_es_jim_crow_laws.htm>. Acesso em: 01 maio 2007.

FANON, Frantz. **Black skin white masks.** Tradução de Charles Lam Markmann. New York: Grove Press, 1967.

FARIA, Euclides. Lá vai “O Mulato”. In: MONTELLO, Josué. **Aluísio Azevedo e a polêmica d’ “O Mulato”.** Rio de Janeiro: José Olympio, 1975.

FREDRICKSON, George M. **The black image in the white mind:** the debate on Afro-American character and destiny, 1817-1914. Middletown, CT: Wesleyan University Press, 1971.

FRANKLIN, John Hope. **From slavery to freedom:** a history of Negro Americans. 3.ed. Chicago: Vintage, 1966.

GATES JR, Henry Louis; McKAY, Nellie Y. **The Norton anthology of African American literature.** New York: WW Norton & Company, 1997.

GIBSON, Donald B. Introduction. In: CHESNUTT, Charles W. **The house behind the cedars.** New York: Penguin Classics, 1993.

GÓES, Fernando. Aluísio Azevedo e “O Mulato”. In: AZEVEDO, Aluísio. **O mulato.** 2.ed. São Paulo: Martins Fontes, 1959.

JONES, James M. **Racismo e preconceito**. Tradução de Dante Moreira Leite. São Paulo: Edgard Blücher Ltda, 1973.

KRANZ, Rachel; KOSLOW, Philip J. **The biographical dictionary of African Americans**. New York: Checkmark Books, 1999.

LINS, Ivan. **História do positivismo no Brasil**. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1964.

MENEZES, Raimundo de. **Aluísio Azevedo: uma vida de romance**. São Paulo: Livraria Martins, 1957.

NABUCO, Joaquim. **O abolicionismo: conferências e discursos abolicionistas**. São Paulo: Instituto Progresso Editorial S.A., 1883. (Obras Completas de Joaquim Nabuco, 7.)

NOTT, J.C.; GLIDDON, G.R. **Types of mankind: or, ethnological researches** (2005). Disponível em <<http://www.hti.umich.edu/cgi/t/text/text-idx?c=moa;idno=AJA7398.0001.001>>. Acesso em 20 nov. 2006.

PACHECO, Josephine F. **O problema do racismo nos Estados Unidos**. Tradução de Armando Correia Pacheco. Curitiba: Imprensa da UFPR, 1983.

PILGRIM, David. **Who was Jim Crow?** Big Rapids, MI: Jim Crow museum of racist memorabilia, 2000a. Disponível em <<http://www.ferris.edu/jimcrow/who.htm>>. Acesso em: 25 abr. 2007.

_____. **What was Jim Crow?** Big Rapids, MI: Jim Crow museum of racist memorabilia, 2000b. Disponível em <<http://www.ferris.edu/htmls/news/jimcrow/what.htm>>. Acesso em: 25 abr. 2007.

PHILIPS, Brian. Characters: Ivanhoe. **Sparknotes**, New York, 2007. Disponível em: <<http://www.sparknotes.com/lit/ivanhoe/index.html>>. Acesso em 20 jun. 2007.

RODRIGUES, Nina. **Os africanos no Brasil**. 7.ed. Brasília: Editora UnB, 1988. (Brasiliana, 9.)

ROSS, Frederick A. **Slavery ordained of God**. 10.ed. Project Gutenberg: free electronic books, 2005. Disponível em <<http://www.gutenberg.org/dirs/etext05 /8slav10h.htm>>. Acesso em 07 maio 2007.

SKIDMORE, Thomas E. **Preto no branco: raça e nacionalidade no pensamento brasileiro**. 2.ed. Tradução de Raul de Sá Barbosa. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1976.

SWEET, Frank W. **The invention of the color line: 1691**. Palm Coast, FL: Backintyme Publishing, 2005a. Disponível em: <<http://www.backintyme.com/essay050101.htm>>. Acesso em: 24 abr. 2007.

_____. **The invention of the one-drop rule in the 1830s north**. Palm Coast, FL: Backintyme Publishing, 2005b. Disponível em: <<http://www.backintyme.com/essay050101.htm>>. Acesso em: 24 abr. 2007.

TODOROV, Tzvetan. **Nous et les autres: la réflexion française sur la diversité humaine**. Paris: Éditions du Seuil, 1989.

WOODWARD, C. Vann. **The strange career of Jim Crow**. 3.ed. New York: Oxford University Press, 1974.